

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

EDUARDA COSTA SIMÕES

**PATRIMÔNIO SOCIAL E LITERÁRIO JAGUARENSE: A APROXIMAÇÃO
ENTRE A UNIVERSIDADE E A PRODUÇÃO LOCAL ATRAVÉS DO RESGATE
BIBLIOGRÁFICO DE MARILÚ DUARTE**

**JAGUARÃO
2023**

EDUARDA COSTA SIMÕES

**PATRIMÔNIO SOCIAL E LITERÁRIO JAGUARENSE: A APROXIMAÇÃO
ENTRE A UNIVERSIDADE E A PRODUÇÃO LOCAL ATRAVÉS DO
RESGATE BIBLIOGRÁFICO DE MARILÚ DUARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/ Espanhol e suas Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon

**JAGUARÃO
2023**

Ao mergulharmos na história, nos surpreendemos com nomes femininos, que sacudiram as estruturas de uma época. Exatamente por discordarem da forma de como eram tratadas pela sociedade, que apenas lhe impunham regras, e que em contrapartida não lhe ofereciam sequer a liberdade de “ser mulher”, no real sentido da palavra.

Marilú Duarte

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

S593p

Simões, Eduarda Costa

Patrimônio social e literário jaguareense: a aproximação entre a universidade e a produção local através do resgate bibliográfico de Marilú Duarte / Eduarda Costa Simões.

83 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)—
Universidade Federal do Pampa, Letras Português, Espanhol e Respectivas Literaturas, 2023.

"Orientação: Carlos Garcia Rizzon".

1. Patrimônio Literário. 2. Duarte, Marilú. 3. Jaguarão, RS
4. Fotografia e literatura 5. Teopoética. I. Título.

CDD 800



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Universidade Federal do Pampa

EDUARDA COSTA SIMÕES

**PATRIMÔNIO SOCIAL E LITERÁRIO JAGUARENSE: A APROXIMAÇÃO ENTRE A
UNIVERSIDADE E A PRODUÇÃO LOCAL ATRAVÉS DO RESGATE
BIBLIOGRÁFICO DE MARILÚ DUARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português - Espanhol e respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 13/12/2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon

Orientador

(UNIPAMPA)

Profª Drª Marcela Wanglon Richter
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Luís Fernando da Rosa Marozo
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **CARLOS GARCIA RIZZON, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/12/2023, às 21:40, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUIS FERNANDO DA ROSA MAROZO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/12/2023, às 12:35, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MARCELA WANGLON RICHTER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/12/2023, às 14:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1327737** e o código CRC **OCA3FFF7**.

Unipampa – Campus Jaguarão

Rua Conselheiro Diana, nº 650 - Jaguarão/RS - CEP:

96300-000 Telefones: (53) 3261-4269, (53) 3240-5450

AGRADECIMENTO

Tenho gratidão a:

Meus pais, Gicilene Pereira Costa e Maicon Roberto Silveira Simões, que com muito menos idade da qual eu tenho hoje, estavam me criando com todo amor, responsabilidade, carinho e zelo. Dois jovens que sempre se desdobraram em mil em meu prol, priorizando e enfatizando a importância de permanecer no caminho dos estudos e do conhecimento, oportunizando para mim as condições necessárias. Sendo responsáveis pela formação de quem sou hoje, enquanto ser humano, me ensinando a sempre prezar pela responsabilidade, mas que também contribuíram para a minha forte persistência e dedicação a tudo aquilo em que acredito, beirando a teimosia;

A todos aqueles amigos de quatro patas que vêm me acompanhando ao longo de meu crescimento, compartilhando comigo um amor puro e genuíno;

Aquelas amizades proporcionadas pela UNIPAMPA, com carinho: Mahara Soares, Luana Duquia, Thayler Nunes, Igor Zotti, João Victor Larrosa, Rodolpho Bretanha e Celina Edite Bretanha;

Aquele amigo, irmão, que desde que me conheço por gente se faz presente em minha vida, com carinho: Osmar Vinícius;

Algumas professoras da rede de ensino jaguarense, que marcaram carinhosamente minha memória, em especial a minha sempre querida Prof^a Narlete Rodrigues, que me roubou das ciências exatas ainda no ensino fundamental, aguçando meu amor pela literatura. E à prof^a Maura Liliana Jorge, que durante meu percurso universitário esteve presente, compartilhando seu conhecimento de práticas educacionais com muito amor e carinho;

À equipe e aos alunos da escola Dr. Fernando Correa Ribas, carinhosamente Fernandinho, que sempre me acolheram e oportunizaram que eu passasse por muitas aprendizagens na prática, através de programas de fomento à educação e com meus estágios docentes;

A todos os projetos e programas universitários dos quais fiz parte e me proporcionaram aprendizagens significativas: PIBID, PRP, PET, LALLI, José Monegal em Tradução;

A todos aqueles escritores que, através da literatura, movem e inspiram pessoas através de sonhos, realidades, arte e amor;

Aqueles que aqui não se encontram mais presentes, em corpo, mas que me acompanham, me iluminam e me protegem, emanando força e proteção para seguir firme nesta jornada;

Aos familiares que de alguma forma demonstraram carinho durante minha vida; Aos queridos familiares de Marilú Duarte, assim como a própria autora; E, por fim, para mim mesma que inesperadamente nutri, desde que me conheço por gente, o amor pelas artes, pela expressão, pelo conhecimento, pela literatura, pela cultura. Por estar em constante progresso e redescoberta do meu eu interior. Oportunizando a mim mesma novas descobertas a partir do curso de Letras, como o amor de levar o conhecimento ao próximo através das palavras, característica que estava bem escondida em meu interior e pude descobrir durante a graduação;

A mim mesma por nunca ter desistido quando os empecilhos da vida surgiram e não ter acreditado nas mentiras que a ansiedade me contou. Por ter sido persistente e permanecido, mesmo nos momentos que pareciam impossíveis. Mas acima de tudo a Eduarda, ainda aquela Eduarda criança, que sempre quis ser ouvida e nunca teve coragem de falar nem a quem te escutasse. Este trabalho é todo para ti e por ti, fica tranquila minha menina este é apenas o teu começo, o mundo é pequeno e tu vais realizar todos os teus sonhos.

A arte existe porque a vida não basta.

Ferreira Gullar

RESUMO

Este estudo busca promover uma aproximação da produção literária feminina local, isto é, a literatura produzida na cidade de Jaguarão, Rio Grande do Sul, com a instituição universitária presente na cidade. Para isso utilizou-se como *corpus* de estudo a bibliografia de Neusa Marilú Perez Duarte, escritora jaguareense que produziu diversos livros ao longo de sua carreira. Marilú Duarte (1947 - 2019) dedicou sua vida a questões sociais, refletindo em sua literatura diversos aspectos que promoveram não apenas a sua literatura, mas também a cidade de Jaguarão para outras localidades. Realizou exposições e lançamentos em países como: Uruguai, Argentina, Cuba, Romênia, México e Canadá. Sua produção consta de 12 livros autorais que transitam entre os gêneros lírico, narrativo, teatral e que também dialogam com o esquema semiótico da fotografia. Ao longo do estudo, são analisadas algumas das características presentes na obra de Marilú Duarte, como a análise dos prefácios de suas obras; análise de sua poesia; sua construção textual entre o verbal e o visual; a teopoética presente em seus textos; e o papel que a escritora proporciona às crianças e jovens dentro de sua literatura. Assim, o trabalho é realizado para resgatar a sua trajetória e seu percurso nas artes, com total ênfase em sua bibliografia literária, trazendo suas criações para o berço local dos estudos literários do município, os cursos de Letras da Universidade Federal do Pampa - campus Jaguarão, destacando os pontos marcantes em sua obra passíveis de utilização e transição dentro da universidade. Desta forma contribuindo para a cidade, a universidade e para o legado construído e deixado pela autora.

Palavras-chave: Patrimônio Literário. Marilú Duarte. Jaguarão. Fotografia e literatura. Teopoética.

RESUMEN

Este estudio busca promover una aproximación de la producción literaria femenina local, es decir, la literatura producida en la ciudad de Jaguarão, Río Grande del Sur, con la institución universitaria presente en la ciudad. Para eso se utilizó como *corpus* de estudio la bibliografía de Neusa Marilú Pérez Duarte, escritora jaguareense que produjo varios libros a lo largo de su carrera. Marilú Duarte (1947 - 2019) dedicó su vida a las cuestiones sociales, reflejando en su literatura muchos aspectos que impulsaron no solamente su literatura, sino también la ciudad de Jaguarão a otros territorios, habiendo realizado exposiciones y lanzamientos en países como: Uruguay, Argentina, Cuba, Rumania, México y Canadá. Su producción consta de 12 libros autorales que se mueven entre los géneros lírico, narrativo, teatral y que también dialogan con el esquema semiótico de la fotografía. A lo largo del estudio, se analizan algunas de las características presentes en la obra de Marilú Duarte, como el análisis de prefacios; análisis de su poesía; su construcción literaria entre texto verbal y visual; la teopoética presente en sus textos; y el rol que la escritora brinda a los niños y jóvenes dentro de su literatura. Así, el trabajo es realizado para rescatar su trayectoria y su camino en las artes, con total énfasis en su bibliografía literaria, acercando sus creaciones a la cuna local de los estudios literarios en la ciudad, los cursos de Letras de la Universidad Federal de la Pampa - Campus Jaguarão, destacando los puntos llamativos de su obra que pueden ser utilizados y estudiados dentro de la academia. De esta forma, contribuyendo a la ciudad, a la universidad y al legado construido y dejado por la escritora.

Palabras clave: Patrimonio literario. Marilú Duarte. Jaguarão. Fotografía y literatura. Teopoética.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 ESTUDOS BIOGRÁFICOS: A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM A PARTIR DA ANÁLISE DE PREFÁCIOS	18
1.1 Estudos biográficos: Prefácios	22
2 PONTE ENTRE VIDA E PRODUÇÃO	27
2.1 A lírica presente na obra de Marilú Duarte: uma análise de sua poética	27
2.2 Fotografia e literatura: o diálogo entre linguagem verbal e visual na obra de Marilú Duarte	38
2.2.1 A fotografia em sua obra	40
2.2.2 Ponte entre a palavra e a imagem: leitura construída a partir deste diálogo.....	46
2.3 Teopoética: a religiosidade presente nas obras de Marilú Duarte	49
2.4 Da aprendizagem à representatividade: o papel da criança na literatura de Marilú Duarte	61
2.4.1 Contexto educacional didático de sua obra	63
2.4.2 A representação da criança e do jovem em seus textos	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	75
ANEXOS	79
Anexo 1	78
Anexo 2	80
LISTA DE FIGURAS	83

INTRODUÇÃO

Ao iniciar a graduação, até mesmo antes, sempre tive a certeza de que continha profundo carinho e admiração pela literatura, assim como pelas artes. Logo, era de esperar-se encerrar este percurso, longo, produzindo nesta área meu principal trabalho acadêmico. Contudo sabe-se, principalmente neste meio, que quando se refere ao trabalho literário, este pode ser desenvolvido de várias formas possíveis, basta talvez ter uma visão mais sensível, ou quiçá uma mente mais aberta, sem deixar de seguir os estudos formulados por aqueles que antecederam. Claro que os anos de graduação e aprofundamento teórico também aguçam este sentido para a produção de análises literárias e sua total capacidade como ponte de conhecimento. Permito-me utilizar ideias de Battistoni (1991), quando diz que a arte possui a capacidade de expressar e estimular experiências, para relacioná-las à literatura, afinal ela nunca deixará de ser uma arte. De modo que, quando estamos diante de uma obra, a associamos a outras, pois, nas palavras de Julia Kristeva, "todo texto é absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, se instala a de intertextualidade, e a linguagem poética se lê, pelo menos, como dupla." (KRISTEVA *apud* CARVALHAL, 1999, p 50). Ao analisar as obras que são objeto de estudo neste trabalho, a primeira ação realizada foi cotejá-las com outras leituras e acontecimentos já conhecidos. E, talvez, por essa sensação de proximidade na hora da leitura foi que surgiu a inquietação motivada para este estudo acontecer.

O trabalho surgiu através de um questionamento interno, da necessidade de procurar saber e refletir os possíveis motivos que fazem as obras de Neusa Marilú Perez Duarte ainda estarem tão distantes do meio acadêmico jaguarense. Afinal, acaba sendo um tanto quanto perturbador o fato da cidade ter uma escritora reconhecida na área, e ela ainda estar tão distanciada da academia. Por essa razão este trabalho é realizado, para reconhecer sua trajetória e seu percurso nas artes, com total ênfase em sua bibliografia, e assim trazer seu nome para o berço local dos estudos literários neste município, o curso de Letras da Universidade Federal do Pampa - campus Jaguarão, destacando alguns dos pontos marcantes em sua obra, logo passíveis de utilização e transição dentro do curso.

Possuir uma Universidade Federal na cidade de Jaguarão, como em qualquer outra cidade, é uma vitória no que diz respeito à educação. Ademais, possuir um curso de Letras

em que se tem a oportunidade de fazer estudos nas áreas das línguas portuguesa e espanhola e em suas literaturas é algo realmente precioso em muitos aspectos. A cidade é rica em questões pluriculturais, tendo em vista que existem aqui pessoas produzindo sua própria literatura, mesmo que ainda reconhecidos apenas nesta localidade e em seus arredores, ou ainda não conhecidas. Vejo que existir este local de estudos mais teorizado, referente à literatura, torna-se um privilégio para haver uma integração entre a produção local e a academia, possibilitando haver mais incentivo e também valorização da produção literária na cidade. Sabe-se que motivar a educação literária é gerar indivíduos com mais liberdade intelectual, formando indivíduos leitores das mais diversas situações. Além disso, estas produções locais são um estímulo à educação, à cultura, à promoção, à preservação e à exemplificação da cultura local, tão ampla e rica em se tratando de uma fronteira. Pois a literatura, em uma de suas muitas representações e significações, pode-se dizer que nada mais é do que determinar o rumo a histórias, conforme ressaltam as palavras de Chimamanda:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (CHIMAMANDA, 2019, p. 11).

Estes são alguns dos motivos, apresentados até aqui, pelos quais devemos falar sobre Marilú Duarte, esta mulher jaguareense que curiosamente nasceu em 8 de dezembro de 1947, dia em que, como a própria escritora ressalta em um de seus livros, comemora-se o Dia de Nossa Senhora da Conceição, destaque este que já traz indícios de uma das fortes características de sua produção literária, ou seja, sua relação com uma religiosidade. Nascida em solo jaguareense, aqui viveu por toda sua vida buscando, em sincronia com as várias atividades desenvolvidas por ela no âmbito social e pessoal, destacar e trazer reconhecimento a sua cidade natal, com os frutos plantados através de sua literatura.

Em sua bibliografia, com 12 livros publicados, reeditados e republicados, encontram-se registros sobre a localidade e os reflexos sobre o que ela vivenciou nesta pequena cidade localizada ao sul do Rio Grande do Sul. Por coincidência, ou obra do acaso, Marilú reflete alguns aspectos da experiência de ser um indivíduo nascido em região fronteiriça, salientando suas origens sanguíneas. Isto é, filha de Romeu e Celina Perez, mãe brasileira e pai uruguaio, fator este que influenciou diretamente em sua literatura, uma vez que cresceu ouvindo e falando espanhol e português, fator que deixou rastros em sua produção, marcando seu nome não apenas em Jaguarão (BR), mas também em outros países hispanos. No texto de apresentação do livro *Brincando de faz de conta*, Dra. Miriam P.

Pereira destaca essa questão: “Mostrou que a mulher jaguarense é gente que faz e procurou ser luz nas trevas, sal onde não havia sabor e fermento onde era preciso aumentar o volume e a qualidade. Soube ir além das fronteiras, mostrando a beleza e o potencial da terra onde nasceu.” (PEREIRA *apud* DUARTE, 1996, p. 7).

Para falar desta escritora, é preciso salientar muitos aspectos de sua vida, pois Marilú Duarte desempenhava um papel socialmente ativo na cidade, entrelaçando suas atividades profissionais com sua vida pessoal. Marilú passou por mais de uma formação acadêmica, pois nunca quis sentir-se “parada” diante da vida, assim como de fato nunca parou. Coursou o 1º e 2º graus, como chamados na sua época, na Escola Imaculada Conceição, e fez o curso de Técnico em Contabilidade na escola Carlos Alberto Ribas. Licenciou-se em História pela Universidade Dom Bosco de Santa Rosa e, também, em Letras, Estudos Sociais, Direito e Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas. Diplomou-se, ainda, em pós-graduação em História e Direito do Trabalho. Já enquanto professora, atuou na Escola Imaculada Conceição, no FEPLAN, e na Fundação Gaúcha de Trabalho, atuou como secretária do curso de Estudos Sociais, exercendo logo após, por indicação da UCPEL, a supervisão dos estágios do curso e, no mesmo ano de 1975, assumiu o cargo de Coordenadora de Curso. Ainda no campo educacional, aqui em Jaguarão, exerceu o cargo de auxiliar da coordenação pedagógica da Escola Estadual Espírito Santo (IEEES) e, no ano de 1992, foi professora da disciplina de Oficina Livre na escola particular Nelson Wortmann, escola onde fundou, o Jornal Novidade. Este feito proporcionou-lhe a escrita de seu primeiro livro, intitulado *Tente... crie e invente*, contendo a narrativa e a descrição das atividades realizadas em oficinas de teatro desenvolvidas no ano de 1992. Nesse trabalho, Marilú desenvolveu, junto aos alunos e à escola, quatro peças teatrais infantis, apresentando-as em Jaguarão e Rio Branco.

No que diz respeito ao seu desempenho em atividades sociais, Marilú foi extremamente ativa e atuante em várias esferas do município, tomando a frente de atividades que, em sua época, não eram consideradas pertinentes a uma mulher. No ano de 1995, exerceu a função de diretora da Casa de Cultura, sendo a primeira representação feminina a desempenhar tal função e a primeira a exercer tal cargo na cidade. No eixo da cultura, estando a frente de tal representatividade, idealizou diversas atividades de integração entre Brasil e Uruguai, sempre trazendo em foco a união entre pessoas nascidas na fronteira, o que não poderia ser diferente por possuir raízes familiares em ambas as nacionalidades. Ainda no eixo social, exerceu funções como membro do Conselho Penitenciário e, no Grupo Mão Branca, realizou atividades enquanto secretária, oradora,

relações públicas, protocolo, chegando inclusive ao cargo de diretora. Foi 2ª secretária do CONSEPRO, mordoma da Santa Casa de Caridade, participante enquanto integrante das diretorias do Clube Harmonia, Liga Feminina de Combate ao Câncer, Sociedade Beneficente e Cultural São José, Sociedade Cultural Joaquim Caetano da Silva, Casa da Amizade e Associação Cruzeiro Jaguareense. No ano de 1975, através de concurso público, foi nomeada Assessora Legislativa, exercendo a função de dirigente de equipe. Desempenhou ainda funções como conciliadora do Juizado de Pequenas Causas e Juíza de Paz.

Na área da comunicação, também foi muito atuante. No ano de 1987, a convite, conduziu o programa Sala de Encontro na Rádio Cultura de Jaguarão, que entrava ao ar aos sábados pela manhã. Foi colaboradora no jornal Diário da Manhã, da cidade de Pelotas, e na Gazeta Regional, de Camaquã. Em 1987, iniciou sua colaboração com o Diário Popular de Pelotas, publicando ao longo de 20 anos uma coluna semanal. Manteve por trinta anos, no Jornal A Folha Regional, de Jaguarão, suas crônicas em uma coluna social. Colaborou ainda em outros jornais, como: Brazilian Time, de Porto Alegre, e El Fanal, de Rio Branco/Uruguai. Foi idealizadora do 1º Baile da Integração, onde ocorreu o lançamento do Conjunto Prisma. Foi a primeira Membro Patrono Feminina da Câmara Júnior, painelistas no 2º Simpósio da Mulher na cidade de Pelotas, realizando também, a convite da Secretaria de Educação e Cultura, palestras sobre oficinas pedagógicas na cidade de Arroio Grande. Totalmente participativa, atuou ainda em muitas outras atividades, o que se torna difícil seguir elencando. Pelo o que acima está apontado, é possível verificar a vasta participação desta mulher na sociedade em que esteve inserida durante sua vida. Notoriamente muito integrada em atividades desenvolvidas nesta região sul do Rio Grande do Sul e em Rio Branco, no Uruguai.

Em relação à área artística, sendo o foco literário neste trabalho acadêmico, Marilú Duarte apresenta uma produção de fôlego, com publicação de livros de poemas, crônicas, peças teatrais infantis e fotografias. Dispôs de lançamentos de seus livros, e suas exposições fotográficas, em territórios como Uruguai, Argentina, Cuba, Romênia, México e Canadá. Nesse eixo literário, foi integrante da Academia Sul Brasileira de Letras (Pelotas), da Associação de Jornalistas e Escritores (Porto Alegre), Academia de Letras e Ciências de São Lourenço (Minas Gerais), Academia Internacional de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, Associação Profissional de Poetas do Estado do Rio de Janeiro, Casa Brasileira de Cultura (Pelotas), Academia de Letras e Artes de Paranapuã no Rio de Janeiro, Academia Metropolitana de Letras (RJ), Associação Nacional de Escritores (Brasília) e da União

Brasileira de Escritores (SP), entre outras.

A cronologia de suas obras se organiza da seguinte forma: a primeira obra foi publicada em 1992, intitulada *Tente... crie e invente*; a segunda em 1993, intitulada *Eu, você e o Universo*; a terceira, nomeada como *Minha terra, minha gente*, foi editada em 1994; no ano seguinte, em 1995, lançou seu quarto livro, chamado *Tudo por amor*; já em 1996, lançou sua quinta obra, chamada *Brincando de faz de conta*; sua sexta obra teve por título *Amor sem fronteiras* lançado em 1997; seu sétimo livro, *Sem você... sou ninguém*, lançado em 1998, acabou recebendo uma premiação no concurso “Cem livros do século”, pela Casa Brasileira de Cultura; na virada do século, no ano 2000, lançou seu livro *Momentos*; o livro *Nasce um poema* foi lançado em 2006, sendo este uma versão bilíngue; no ano de 2009, publicou a obra *Ciranda poética*; no ano seguinte, 2010, veio o livro intitulado *Enigma*; outra obra bilíngue, inclusive já em seu título, é o livro *Revoar de sonhos/Revolotear de sueños*, publicado em 2013. Em uma de suas últimas colaborações, inclusive participando enquanto pioneira, teve poemas autorais publicados no primeiro *E-book* lançado pela UNIPAMPA - Campus Jaguarão, intitulado como *Entre olhares e tramas: uma poética para os espaços de Jaguarão*, publicado em 2020.

É por causa desta enorme bagagem de conhecimento, e de acontecimentos, que Marilú carregou consigo uma vasta gama de publicações literárias e, por tanta dedicação e comprometimento, atingiu em sua época um público que, ao ler suas obras, sentia-se próximo da escritora, palavras estas ditas por sua própria filha. Hoje o objetivo é retomar suas obras trazendo um olhar mais acadêmico, mais teorizado, valorizando e aproximando seu trabalho da academia. Para que isto aconteça, serão analisadas as seguintes questões presentes em sua bibliografia: sua poética, a construção entre fotografia e literatura, a religiosidade e o mundo infante juvenil. São essas algumas, das várias, temáticas marcantes dentro da produção literária de Marilú Duarte, e elegidas para compor este trabalho, que será desenvolvido nos seguintes capítulos: Estudos biográficos, Ponte entre vida e produção, A lírica presente na obra de Marilú Duarte, Fotografia e literatura, Teopoética, Da aprendizagem à representatividade e mais as Considerações finais.

1 ESTUDOS BIOGRÁFICOS: A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM A PARTIR DA ANÁLISE DE PREFÁCIOS

Na academia, estudamos grandes clássicos literários, de acordo com a língua foco do curso. No meu caso, ao longo de cinco anos, frequentemente li muito material de literaturas lusófona e hispânica como, por exemplo, *Dom Quixote de La Mancha*, *Terra Sonâmbula*, *A cartomante*, *Como água para chocolate*, *Macunaíma*, *A terra dos mil povos*, mas também títulos clássicos que não se encontram nestes dois grupos, como, por exemplo, *Hamlet* e *Sonho de uma Noite de Verão*. São através de leituras como essas que podemos refletir sobre aspectos de tempo, espaço, personagens, foco narrativo, enredo e formar uma noção sobre questões culturais, geográficas e sociais de suas épocas, sendo possível identificar a literatura em sua relação com a história. Além de analisar e refletir, foi possível gerar percepções mais pessoais de cada obra lida, afinal cada leitor carrega consigo uma bagagem de conhecimentos relacionáveis com suas leituras, sendo que uma mesma obra lida por indivíduos diferentes passará por significações também diferentes. Mas não, necessariamente, apenas por pessoas distintas, uma vez que um mesmo indivíduo, ao ler uma obra em diferentes épocas de sua vida, refletirá de outra maneira, reflexo do acúmulo

de sua bagagem e de seu aperfeiçoamento moral e intelectual. Todas essas obras, referências para seus países, agregadas de suas fortunas críticas para os estudos literários, possuem por detrás grandes nomes que as escreveram, não com o intuito de chegar a tal fama, mas produzindo atos que as tornaram memoráveis para a humanidade. Conforme lembra Duchamp, “O artista não é um fazedor; suas obras não são feitura mas atos.” (DUCHAMP *apud* PAZ, 2002, p. 25), ou seja, ao longo dos séculos, muitos escritores produziram seus atos, deixando-os marcados ao longo do tempo.

Hoje, a partir de estudos literários embasados em teóricos da área, isto é, indivíduos que se dedicaram a estudar, refletir e produzir significações de acordo com as características dos gêneros literários, sua estilística, seus componentes constituintes; é possível analisar e destacar as causas, efeitos e consequências da literatura nas distintas esferas sociais. Mas o que se percebe é que, desde séculos passados, antes mesmo das ênfases nos estudos mais teorizados dentro da literatura, já existia uma premissa de referenciar e considerar as personalidades que estão na construção dessas histórias. Em outras palavras, até meados do século XVII, não havia a preocupação de fazer distinção entre as letras e as ciências, pois os campos que se referem às artes e os das ciências não estavam tão delimitados, como nos dias atuais. Deste modo, muitos pensadores ditos das ciências eram admitidos enquanto escritores. Como bem ressalta Schmidt (2014), nomes como Darwin, Marx, Freud, Kardec, entre outros, mesmo em séculos posteriores, são personalidades que marcaram permanentemente os pensamentos e as visões de mundo, tudo através de sua literatura, ou seja, através de seus estudos e suas publicações. Porém o que percebe-se é que, além de conhecermos suas obras, o público buscou conhecer um pouco acerca de suas vidas. Tornou-se indiscutível o estudo, ou pelo menos o interesse, não apenas nas obras deixadas ao longo dos séculos, mas também das personalidades que estão por detrás dos escritos.

Foi no período do Renascimento, segundo Jacob Burckhardt (1966), que aconteceu um despertar para o indivíduo, percepção desenvolvida através da análise do grande crescimento das chamadas biografias. Confirma-se, com apoio nas palavras de Burke, que “[...] podemos encontrar biografias, se não, como já foi dito, ‘em todas as épocas e países’, ao menos em muitas culturas e períodos.” (BURKE, 1997, p. 83). O que acontece é que, até um determinado momento, essas biografias facilmente eram mais relacionáveis com os trabalhos de historiadores e com o campo da história por retratarem a vida e os feitos de grandes personalidades. Schmidt ainda ressalta que, “Hoje, contudo, assistimos cada vez mais a uma série de redefinições e deslocamentos fronteiriços: o mais notável, sem dúvida, é aquele que reaproxima história e literatura.” (SCHMIDT, 2014, p. 194).

Assim, o foco deste capítulo está centrado neste gênero, isto é, no gênero biografia, e no porquê torna-se muitas vezes necessário levá-lo em consideração para entendermos sobre alguém e sobre sua obra. Neste caso, devemos atentar para a importância de dados biográficos sobre a escritora Marilú Duarte, alvo deste trabalho. É através da construção e percepção de ideias formadas a partir de biografias construídas por outras pessoas e introduzidas em prefácios de suas obras que irá evidenciar-se a possível visão construída a partir de seu trabalho, por seus leitores, e assim os efeitos de sua literatura, mesmo que em uma microesfera fronteira, que se localiza entre Jaguarão, Rio Branco e arredores.

Para isso, é importante atentar para o percurso histórico que existe acerca deste gênero. Quando buscamos conceitos relacionados à biografia, encontramos, por exemplo, na obra *O pequeno dicionário da Língua Portuguesa*, de Celso Pedro Luft, a definição: “relato da vida de uma pessoa”, ainda havendo relação com os termos “narração” e “exposição”, isto é, poder-se-ia dizer que biografia é a narração da vida de um indivíduo, como traz Luft (1984, p. 75, 479 e 431 *apud* SCHMIDT, 2014, p. 190). Com isto, a primeira ideia definida que constrói-se é a da biografia enquanto fonte de consultas, a referência para a busca de informações sobre determinados artistas. Porém, se formos analisar alguns textos biográficos ainda do período renascentista, percebe-se que estes, como ressalta Burke (1997), de certa forma não discutem o desenvolvimento desta personalidade, pois ignoravam a cronologia dos acontecimentos e, ainda, introduziam informações aparentemente irrelevantes, o que conseqüentemente gerava uma sensação de ausência de forma. Contudo, foi nesse período que os pesquisadores e estudiosos acreditaram ter ocorrido o aumento explícito do interesse por leituras e pela escrita de biografias. Com o decorrer de alguns estudos e com cada vez mais delimitações entre as áreas de conhecimento, não rompendo suas ligações, mas tentando delimitar e realizar a distinção entre os campos de estudos, foi que de forma gradual o gênero foi sendo acolhido aos contextos literários.

Foi ainda em meados do século XV, mais precisamente em seus anos finais, que tornaram-se frequentes as produções acerca da vida de escritores. Logo, esses textos começaram a ser publicados como prefácios de suas obras. Voltando àquela concepção mencionada anteriormente referente à ascensão do conceito acerca da individualidade e da autoria das produções, o contexto da publicação era considerado banal. Já em meados do século XIX, percebe-se que as informações acerca do escritor auxiliam no entendimento de suas obras, uma vez que proporcionam o entendimento do contexto da escrita. Uma obra pode exprimir várias leituras, mas quando o leitor, mesmo que previamente, reconhece o

contexto da escrita, pode identificar leituras críticas sobre a época em questão. É importante questionar a validade deste destaque no quesito biográfico de Marilú Duarte, e a resposta é a mais simples possível. Uma vez que o intuito é aproximar a escritora do ambiente acadêmico de sua cidade natal, torna-se imprescindível trazer para a academia as ideias que o âmbito social de sua esfera produziu acerca de seu trabalho. Pela sua extensa produção bibliográfica é possível perceber o real significado de sua existência para a cidade, ou seja, da existência de sua literatura, o que se comprova na leitura dos prefácios encontrados em seus livros. Para essa consideração, pensemos nas palavras de Allain Robbe-Grillet quando destaca que: [...] o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tantos mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevistos, fora de propósito, aleatório. (ROBBE-GRILLET, 1984 *apud* BOURDIEU, 1996, p. 185).

Aqui busca-se mostrar o real a partir do levantamento da bibliografia de Marilu, o real descrito por outras visões e outras leituras, com histórias e vivências únicas e particulares. Visões únicas captadas por personalidades distintas que serão tratadas com a devida importância e respeito para a realização da análise acerca do trabalho da escritora. Não que em sua totalidade sejam donos de formações teóricas nas respectivas áreas das Artes e Letras, mas como grandes consumidores de seu produto social. Afinal, através das vozes destes podemos perceber a literatura de Marilú enquanto patrimônio social da cidade de Jaguarão. São justamente os debates em níveis teóricos que deixamos por conta da academia e, por consequência, tenta-se fazer essa aproximação de ambas as partes.

De acordo com as ideias desenvolvidas por Schmidt em seu artigo, é assinalado que:

[...] um dos principais desafios dos biógrafos na atualidade é capturar os personagens enfocados a partir de diferentes ângulos, construindo-os não de uma maneira coerente e estável, mas levando em conta suas excitações, incertezas, incoerências, transformações. Isso implica também o abandono da linearidade cronológica, o que obriga os historiadores a lidarem com diferentes temporalidades: tempo “contextual” (o panorama político, econômico, cultural), tempo familiar, tempo interior, tempo da memória e etc. (SCHMIDT, 2014, p. 197).

O trecho acima citado não deve ser delimitado apenas ao trabalho realizado pelos profissionais historiadores, como é mencionado por Schmidt, pois, no contexto deste trabalho, o desenvolvimento biográfico sobre a escritora também torna-se muito relevante. Desta forma, o desafio é, na sequência, evidenciar alguns ângulos construídos sobre Marilú a partir do que outras pessoas mencionaram nos prefácios de seus livros. Buscar-se-á trazer, a partir dessas leituras, suas excitações, incertezas, incoerências para entender o seu tempo

contextual, isto é, tentar-se-á entender o momento social, dentro de todos aspectos que envolvem sua produção. Assim, construir-se-á, de forma inicial, o processo de visualização de transformação e amadurecimento de sua obra no decorrer da sua carreira. Para este capítulo, então, é feito um recorte das obras, utilizando na totalidade a análise dos prefácios de três livros, indispensavelmente iniciando pela primeira obra de Marilú.

1.1 Estudos biográficos: prefácios

A seguir, apresenta-se um fragmento do prefácio da obra *Tente... crie e invente*, escrito pela equipe da escola Nelson Wortmann:

Esta obra é uma narração e descrição de toda uma atividade realizada durante o ano letivo/92, quando uma proposta desafiadora, tivemos o privilégio de ter junto a nós a pessoa mais indicada para realizar e concluir a mesma, visando somente o crescimento cultural-educacional, fazendo com que nossos adolescentes pudessem perceber o quanto é importante sentirmo-nos seguros e conscientes de nosso papel na sociedade, onde vivemos e convivemos. A EDUCADORA, Marilú, entregou-se totalmente ao que se propôs, em março deste ano, colocando em prática um sonho por ela idealizado com muito amor e carinho e, tínhamos a certeza e a convicção do êxito, como o é, por isso e por tantas outras coisas que aprendemos contigo, amiga, o nosso reconhecimento, amizade, carinho e eterno agradecimento. (DUARTE, 1992, p. 2).

O prefácio acima, como já dito, está contido na primeira obra escrita de Marilú. Vale fazer a ressalva de que este livro tornou-se um relato das atividades desenvolvidas em uma escola da cidade. Os escritos fazem referência às oficinas teatrais realizadas com os alunos, apresentadas em Jaguarão e Rio Branco (Uruguai). Voltando para o que está contido nas palavras da descrição, nota-se que a construção é mais sucinta e inicia contextualizando brevemente a obra, o que é uma característica da finalidade do texto, e ao prosseguir passa um certo toque de dedicatória.

A partir daqui pode-se presumir que a brevidade pode se dar por ser sua obra inaugural, ou seja, ainda não existia um percurso evidenciado sobre a autora Marilú Duarte, mas sim considerações sobre a pessoa. E, com isso, percebe-se a consideração de várias pessoas, equipe escolar, pela Marilú enquanto profissional, já dando indícios de seu comprometimento pelas coisas que se propunha a fazer. Desde o princípio, os dados que nos são relatados, por outras vozes, dão ênfase nas relações e emoções que envolvem o trabalho desta mulher, já trazendo o pré entendimento que a premissa de partida da autora é tudo o que gira em torno dos sentimentos. A escritora se propunha a transmitir carinho a todos esses alunos, levando-lhes a importância das questões culturais, sendo este um dos frutos de

sua carreira.

A próxima obra indispensável para este capítulo é o livro *Amor sem fronteiras*, lançado em 1997. Esse foi o sétimo lançamento da autora, logo, é de se presumir que já haja um consenso sobre a escritora Marilú Duarte, e não apenas sobre a pessoa. Esta obra se torna indispensável pois, reunidos em uma coletânea ao final do livro sob o título “Comentando... amor sem fronteiras”, diversas personalidades deste âmbito fronteiriço realizaram relatos sobre a autora, ou seja, pessoas da cidade de Jaguarão (BR) e Rio Branco (Uruguai). Serão colocados aqui alguns recortes para apreciação e análise. Outra ressalva que é importante fazer é que esta obra é um conjunto de fotografias feitas pela autora somadas a poemas e passagens escritas, compondo uma mescla de linguagens verbal e visual. Para exemplificar, apresenta-se um trecho do prefácio escrito por Izabel Bretanha Hepp, diretora da revista Momentos e da Viza Artes Gráficas:

Neste ano a Viza Artes Gráficas que ao longo de todo esse tempo, vem realizando a impressão e arte de suas obras, comemora com a escritora a iniciativa de uma obra original, *Amor sem fronteiras*, que bem poderia ser chamado “Livro/Postal”, diante do acervo de mais de 100 fotos de pontos turísticos e históricos, que revelam e divulgam a beleza arquitetônica da nossa cidade. (HEPP *apud* DUARTE, 1997, p. 114).

Passando agora para os comentários realizados na sessão destinada a estes, damos início às palavras ditas pelo professor Cléo dos Santos Severino, que foi um escritor, historiador, teatrólogo, ator e romancista. Seu trecho é o mais extenso, logo, aqui será evidenciado de forma mais sucinta:

Emocionado pela beleza, arte e sensibilidade com que foram apanhados múltiplos e diversos recantos de nossa bela cidade. [...] tive oportunidade de concluir do entusiasmo, do carinho, da precisão, da beleza e da dedicação com que a artista executou o seu trabalho. [...] Neusa Marilú Perez Duarte é uma figura marcante da nossa arte e da nossa cultura. (SEVERINO *apud* DUARTE, 1997, p. 115-116).

Comentários de Soely Meloni, uma artista plástica e escritora de Porto Alegre, na época 2ª secretária da Academia de Letras dos Municípios do RGS:

Conhecer Marilú e privar com ela mesmo que por poucas horas, foi conhecer a própria alma de Jaguarão, o amor desse município pela cultura e o espírito de operosidade em prol de seus ideais. O livro elaborado pela nossa amiga, sem dúvidas virá a ser o cartão postal de Jaguarão. [...] Parabéns, Neusa Marilú, você em Porto Alegre, representou muito bem a sua cidade. (MELONI *apud* DUARTE, 1997, p. 116).

Comentário deixado por Victor Bretanha Hepp, diretor da revista Momentos e da Viza Artes Gráficas:

Considero o livro de Marilú Duarte [...] uma inovação no campo literário, em relação à arte de produzir. Certamente servirá de motivação aos leitores oportunizando a redescoberta de novos valores literários, através dos textos escritos, pela sua facilidade de leitura e sensibilidade. Talvez seja o primeiro livro que une a reflexão à arte de fotografar, evidenciando o patrimônio histórico e

cultural de nosso município [...]. Desta forma o leitor poderá destacar suas folhas e apresentar aos amigos, que além de refletirem sobre a expressão literária da escritora, estarão conhecendo a beleza arquitetônica da cidade heroica. (HEPP *apud* DUARTE, 1997, p. 119).

Nestes trechos, podemos perceber que a esta altura de sua carreira enquanto escritora, Marilú já possuía mais reconhecimento quanto a sua importância como representante, enquanto agente atuante, da cultura em solo jaguarense, sobretudo no que diz respeito a sua literatura. Assim, leva a frente o nome da cidade através de sua arte já reconhecida, principalmente a outras localidades, como a própria capital do Rio Grande do Sul. Em um dos textos, um destaque é dado para o que mais havia chamado atenção em sua obra, a genialidade e sensibilidade artística da construção da união do visual e do verbal, produzindo em cada leitor diferentes mesclas de sentimentos, tanto na esfera dos leitores que conhecem o espaço jaguarense, assim como daqueles que o conheceram a partir de sua obra. Destaca-se que esse livro não teve reconhecimento apenas na sua localidade, mas, como boa terra fronteiriça, algumas personalidades do país vizinho também deixaram seus comentários, como Ethell Dutra Vieto, que foi presidente da Associação de Escritores de Cerro Largo (Uruguai).

Un libro es siempre un intento de diálogo. Un intento de proximidad. Por eso Neusa [Marilú] escribe; para dialogar infinitamente, y multiplicarse en lo otro. Dice San Pablo hablando del Amor: Que sin él seríamos como metal que resuena y címbalo que ritieñe. Que sin el Amor nada somos. Y nada de lo que pueda hacerse o decirse tiene sentido. Este es el mensaje de la obra de Neusa [Marilú]. Porque el Amor es el móvil de sus acciones. De su creación: prosa o poesía. Una clave. Él está en el centro de sus libros y escritos desde 1987 hasta hoy. Porque ella sintió la necesidad de decir la palabra que llegara a todos, tal vez, “una palabra alada” como aquella de Gilbrán, cuyos ecos a veces creemos sentir, entre sus poemas. Neusa [Marilú] escribe en portugués y en español. Como un dictado de su doble sangre. Y tiene una clara conciencia de que somos al fin un solo pueblo, con un mismo lenguaje. Porque lo que difiere es la envoltura de las palabras. Pero no su esencia. El alma de las palabras. Hay en su poesía universalidad. Esta mujer que habla de su pueblo, habla de todos los pueblos. Y constata en todos, la pérdida de la capacidad de soñar. Hay en sus libros un sentimiento místico. Como un aliento místico. Neusa [Marilú] ha escrito para su pueblo y nuestro pueblo. Y nos ha escrito dos cartas en sus libros anteriores. En ellas, ha sentido que la palabra Mercosur contiene un sentido que va más allá de la fría palabra. Es una invitación. Una necesidad de accionar, en dirección de la cultura, en dirección del bien. En el sentido rodomiano: en dirección de la verdad. (VIEYTO *apud* DUARTE, 1997, p. 117).

Há passagens mais curtas, mas igualmente importantes, como as palavras de Isifredo Garcia Morosoni (1997), quando diz que “Para ser Periodista-Escritor uno tiene que haber soñado...vivido...amado y sufrido. De todo esto y del incondicional servicio al prójimo...lo sabe mi amiga Marilú.” (p. 117). Isifredo, que foi um jornalista da Tv Rio Branco, foi simplista em suas palavras, mas igualmente profundo quanto à reflexão do trabalho desempenhado por Marilú. Hugo Machado Silveira, diretor da TV Rio Branco, foi outra

personalidade a registrar sua percepção, assinalando que:

Marilú Duarte a través del Periodismo, Marilú múltiple trabajadora social, Marilú Escritora, Analista de los más puros sentimientos del espíritu humano. Pero ahora también tenemos a Marilú procurando y consiguiendo en forma brillante unir el graficismo de esta nueva experiencia con la profundidad y espiritualidad y de sus conceptos. (SILVEIRA *apud* DUARTE, 1997, p. 118).

A jornalista, também da TV Rio Branco, Mônica Pombo (1997) igualmente foi sucinta, mas certa em suas palavras, deixando registrado que “*Amor sem fronteiras...* volcar en unas páginas la alegría, el dolor... la vida. Es el retrato hablado de La Mujer que no ha pasado por la vida en vano.” (p. 118). E ainda, finalizando essa seção do livro, há a reflexão do professor Antonio Machado Porciúncula, que foi ex-governador do Rotary Internacional Distrito 4980, tradutor para o espanhol, que diz:

El polifacetismo de nuestra amiga Marilú nos ha permitido conocer otra veta de su rica personalidad. A la Periodista narradora y estudiosa de su ciudad y su gente, a la escritora que analiza con fina sensibilidad los más diversos sentimientos del espíritu humano, se agrega ahora esta nueva versión de Marilú, mediante la cual logra una perfecta simbiosis de la expresión gráfica y su rica espiritualidad. (PORCIÚNCULA *apud* DUARTE, 1997, p. 119).

Nota-se a importância de suas obras literárias principalmente para esse contexto fronteiriço, pois a escritora consegue com propriedade representar a cidade através de sua literatura. Transparece sua subjetividade, sua atenção, suas críticas e ideias através de seu tom poético, de uma forma que marca o social da cidade, promovendo-a para além dos limites e da fronteira. Inegavelmente, representa uma cultura ativa, que marca sua época através de seus livros, mesmo que apenas trate do seu território local e arredores.

Para fechar o capítulo, faz-se necessário comentar trechos contidos nos prefácios de uma de suas últimas obras publicadas, onde são analisadas, ou pelo menos essa é a intenção, as percepções externas do “começo, meio e fim” de sua bibliografia. Por isso, a última obra para este capítulo é de um de seus últimos livros, intitulado *Enigma*, lançado no ano de 2010. Este, logo em seu início, traz duas reflexões mais extensas. A primeira produzida por Roberto Bianchi, em espanhol, e a outra por Nina Reis, em português. Começando pelas palavras de Bianchi:

El trabajo de Marilú Duarte en *Enigma*, ya desde su título, nos está vinculando a lo filosófico, afirmando la autora en sus primeras sentencias [...]. Se trata entonces de ver con cierta expectativa de qué manera lo intenta y si lo logra. Se evidencia a través de toda la obra, una composición armónica entre frases o sentencias y su siempre excelente fotografía. [...] Los intentos poéticos de Marilú tienden a sintetizar y eso hace que nuestra impresión como lectores quede mucho más fija, como grabada intensamente. [...] Finalmente comprobamos en la obra la integración de géneros. Se tiende a hacerlo cuando creemos, en el acierto o en el error, que vivimos momentos de síntesis, de definiciones. Muchas veces aguardamos por nosotros mismos en estas circunstancias y nos encontramos para definirnos. Entiendo que *Enigma* es producto de un momento así. Creo que también la autora, de acuerdo a lo propuesto en la obra, se encuentra en ese climax.

(BIANCHI *apud* DUARTE, 2010, p. 4).

Nas palavras de Nina Reis, a obra:

Enigma é uma obra singular, bilingue (português/espanhol), mesclando poesia, crônicas e fotografias. Nas páginas deste livro, o amor não é um elemento pueril, mas uma afirmação que gravita num universo particular [...]. Marilú Duarte atribui ao enigma o misterioso sabor do viver e compartilha conosco uma cenografia rica em detalhes fantásticamente iluminada pelo *flash* de sua máquina fotográfica, ou pela delicadeza de seus textos. Sabe aproveitar igualmente a sua poética de um inconfundível lirismo feminino. Justifica, muitas vezes, sua melancólica percepção porque garimpa cada palavra e as transforma no magnífico revelar do invisível. (REIS *apud* DUARTE, 2010, p. 5).

Através deste levantamento feito com os relatos de outras personalidades, retiradas dos prefácios presentes em suas próprias obras, podemos considerar alguns aspectos sobre a imagem de Marilú Duarte, tanto como uma agente social presente na comunidade, como sobre a Marilú Duarte escritora ativa na literatura de sua região. Fica muito claro que a escritora, sobretudo em sua época, era uma forte referência para muitas pessoas, pois estava sempre ativa na sociedade, o que a tornou uma grande representatividade feminina e sobretudo uma figura importante da literatura de seu município, pois foi através de sua escrita que visionou expandir sua cidade para outros horizontes, conseguindo levá-la a outras localidades. Construiu elos, que logo tornaram-se consequência de seu trabalho, entre agentes culturais do próprio país e também do país vizinho, estabelecendo assim papéis de união entre as representatividades culturais de Jaguarão e Rio Branco. Sem falar dos demais países nos quais levou sua obra, seja em lançamentos e/ou exposições.

Outra característica que pode ser afirmada é seu aprimoramento, seu desenvolvimento nas práticas literárias de forma contínua, isto é, os prefácios analisados foram estrategicamente pensados, representando o início, meio e fim de suas produções dentro de sua própria biografia. Percebe-se que a escritora teve potencial crescimento em um relativamente pequeno espaço de tempo, desde a primeira publicação em 1992, com um singelo prefácio designando mais a Marilú atuante, caminhando até sua publicação de 2010, com prefácios exaltando a Marilú enquanto escritora. Se em seu tempo a escritora e seus textos foram tão bem recebidos, e exaltados, cabe agora a tentativa, o resgate, de recuperar seus frutos. Afinal a literatura é arte viva, nunca morre, apenas vai somando novas leituras e novas interpretações, de acordo com o público e com o tempo receptor, sendo assim reabsorvida e ressignificada. Por isso se torna importante plantar esta semente e assim estabelecer este diálogo entre a bibliografia de Marilú Duarte e as suas possíveis utilizações dentro da universidade, apresentando e expandindo-a a novos alunos a sua criação.

2 PONTE ENTRE VIDA E PRODUÇÃO

Feito o devido estudo referente à vida e bibliografia da escritora, diria mais, da artista Marilú Duarte, adentramos, agora, de fato, em sua obra, nas entranhas de seus escritos produzidos ao longo de toda sua trajetória. Para isso, serão trabalhadas algumas das características, previamente escolhidas, marcantes em suas produções artísticas, trazendo pelo seio das teorias, uma avaliação e uma análise acadêmica. Ressalta-se serem estes alguns recortes da produção deixada por Marilú Duarte, o que poderá instigar, quiçá, uma procura da totalidade do seu trabalho. Essas características foram escolhidas para exemplificar a possibilidade de trabalho com sua bibliografia no âmbito acadêmico. Os pontos escolhidos para refletir sobre sua poesia são o seu lirismo, através de conceitos da poesia lírica; sua construção literária no diálogo entre escrita e fotografia, que são duas formas de linguagens distintas; a teopoética presente em suas obras; e sua referenciação à temática do jovem. Nesses aspectos, destaca-se a importância desta voz feminina e empoderada para a nossa literatura, apontando a literatura jaguareense como patrimônio literário da cidade.

Para desenvolvimento destes pontos acima citados, serão utilizados como embasamento teórico referências como Salete de Almeida Cara (1989), Afrânio dos Santos Coutinho (1996), Pedro Vasquez (1986), Susan Sontag (2004), Isabel Solé (1998), Benito Schmidt (2014), Octavio Paz (2003), Nogueira (2015), Martelo (2012), Luft (1984), Gonçalves (2015), Freitas (2016), Juliana Freitas (2021), Tânia Franco Carvalhal (1999), Peter Burke (1997), Bourdieu (1996), dentre outros nomes.

2.1 A lírica presente na obra de Marilú Duarte: uma análise de sua poética

Um dos destaques na produção literária de Marilú Duarte são suas produções poéticas. Em suas publicações, ela não ocupa o *status* de obras inaugurais, porém no decorrer de sua vida literária foram ganhando destaque, pois a autora publicou cerca de oito livros em que a ênfase se dá às suas poesias. Em alguns destes, a poesia compartilha espaço com crônicas, pensamentos e fotografias, fator que será tratado mais adiante.

Sempre existiu uma tensão entre poesia e teoria, como destaca Salete de Almeida Cara, quando diz que “a poesia nunca gostou dos esquemas classificatórios, já que sua

natureza não se presta a encaixes dóceis em modelos previamente constituídos.” (1989, p. 5) Falar sobre este gênero literário, portanto, não é algo simples, pois ele em si, para algumas pessoas, já é o espelho da complexidade e da subjetividade do ser. Para dar início a essa noção, abro com a divisão dos gêneros literários que, hoje, podem ser divididos em dois grupos distintos, como assinala Coutinho (1999): os que o autor fala diretamente com o leitor (ensaios, crônicas, carta, apólogo e etc.), e aqueles que se fala indiretamente com os mesmos (narrativo, romance, lírico, conto e etc.). Curiosamente, Marilú é produtora em ambos os grupos, porém aqui o foco será para este segundo grupo. Neste, a partir da utilização de mecanismos, artifícios, intermediários para o diálogo entre autor/leitor, está o gênero lírico.

Indo através do percurso histórico dos gêneros literários, por muito tempo perpetuou-se a noção da teoria clássica, constituída na Grécia Antiga com Platão e Aristóteles, posteriormente sistematizada, que classifica os gêneros literários em: gênero lírico, gênero épico e gênero dramático. Foi o texto da *Poética* de Aristóteles uma das bases para a criação de uma teoria de poética clássica, porém não houve uma menção direta ao termo poesia lírica, mas sim rápidas referências aos ditirambos, que eram cantos festivos. Estes eram a mescla entre ritmo, canto e metro, aparecendo o autor como narrador. Na Antiguidade, com a aparente necessidade de haver uma “expressão pessoal” para as pessoas que estavam ficando cada vez mais submetidas às leis das grandes cidades, nasceu a expressão pessoal através da poesia que, neste momento, estava conectada à música. A própria palavra “lírica” nos remete ao instrumento musical lira, que habitualmente era utilizado junto com a flauta para fazer o acompanhamento musical dos poemas. Foi daí que nasceu o termo Poesia Lírica, contudo é importante ressaltar que em nenhum momento as palavras tiveram um papel, uma posição secundária em relação à música, permanecendo com sua potencialidade de ritmo e canto.

Foi no período do Renascimento (século XV) que a lírica perdeu de fato seu acompanhamento musical, indo para o campo da palavra escrita, para assim serem verdadeiramente lidas. As próprias teorias hoje, se comparadas a este princípio da Antiguidade, evoluíram de muitas formas, sendo impensável haver apenas estas três definições do lírico, épico e dramático. Por algum tempo, a forma de distinguir este gênero dos outros estava relacionado com o poeta e em como ele se apresentava dentro do poema, sendo este em primeira pessoa. Entendido também como um poema curto para expressar sentimentos pessoais de quem o escrevia. Ou seja, avaliava-se que exprimiam diretamente os sentimentos e pensamentos da própria pessoa que o escrevia. Grandes nomes, como

Edgar Allan Poe, Coleridge, Wordsworth, Hegel, falaram de características como brevidade, relações harmônicas, métricas coerentes, espontaneidade, emoção pessoal e subjetividade na afirmação do lírico. Afinal seria preciso especificar as qualidades próprias da poesia que dariam conta do chamado fenômeno lírico ao longo do tempo. Pensando ainda nestes moldes, podemos já exprimir esses conceitos em algumas passagens da poética de Marilú e, para dar início à exposição, apresentam-se tais trechos. O primeiro está presente no livro *Momentos*, publicado no ano 2000. Já o segundo e terceiro estão na obra *Enigma*, de 2010. Nota-se a brevidade, a primeira pessoa dialogando seus desejos de forma espontânea e subjetiva:

Se eu pudesse colheria as estrelas do universo
para fazer do teu caminho,
um arco-íris de luz. (DUARTE, 2000, p. 35).

Tento unir os pedaços de mim,
jogados pelo caminho
de um descaminho sem fim.
cubro meu amanhecer
com retalhos de estrelas
desatando os nós
de um bem querer.
Mergulho na fonte do lirismo
e registro com lágrimas
o poema do individualismo.
[...]
São pedaços de mim,
que me fazem mais resistente,
como flores amanhecidas,
acariciadas pelo poente. (DUARTE, 2010, p. 67).

Busco a sabedoria na magia da natureza, a fé no
amanhecer e a esperança no infinito do universo. (DUARTE, 2010, p. 13).

Voltando à teoria, foi lá na poesia provençal que se deu atenção à característica da melopeia na linguagem, ou seja, o conjunto dos sons e ritmos das palavras, sendo estas as propriedades musicais, estando intimamente ligadas ao significado que queriam expressar. Este já era um momento da lírica no caráter escrito, trabalhando a tonicidade e duração silábica das sílabas na língua e havendo algumas regras de caráter formal. Foi no período do Renascimento, graças ainda a leituras de Aristóteles, que havia uma visão mais estética, sendo basicamente normativa e preceptiva. Neste momento da poética clássica, dá para observar a existência de diálogo entre emoção e contensão, ou seja, há uma presença afetiva do eu lírico. Este sistema apenas vai decompor-se com a explosão do Romantismo, pois é neste período que ocorre esse rompimento de percepção dos fenômenos artísticos como esquemas rígidos.

É no Romantismo que vimos acentuada a questão da fuga para um mundo interior

nas poesias, talvez como meio de autodefesa, ou seja, neste momento vem a presença forte da característica emocional e subjetiva, incorporando também o “mundo” e as circunstâncias da modernidade. As pessoas precisavam expressar seus sentimentos, medos e angústias com relação à sociedade que a cada dia evoluía, e era tomada pelos novos meios industriais e de automatização. Foi neste momento da história, a partir do século XVIII, que aconteceu o processo de valorização da individualidade. A poesia então passou ao *status* de expressão inspirada de uma alma, tornando o poeta um organismo vivo. E o destaque que a poesia lírica encontrou foi resultado justamente, como diz Salete de Almeida Cara, na “valorização literária como expressão individual” (1989, p. 31). Agora a concepção, mais modernizada, trata a poesia como linguagem de sons, tons e metro, que inevitavelmente acaba dando uma recuperação daquela unidade originária: poesia e música. Assim o Romantismo dá destaque ao ritmo para organizar a imagem de mundo presente no poema. São poesias que podem trazer melancolia, nostalgia, natureza, dentre outros aspectos que ecoam na alma do sujeito lírico. Se anteriormente havia uma preocupação direcionada quase que unicamente às estruturas de construção, aqui iniciava o olhar direcionado também às condições da produção, ou seja, ao ambiente. Ainda pensando nos conceitos e características trazidos até o presente momento, exemplifico com mais dois trechos da poética de Marilú, trechos que estão respectivamente nas obras *Momentos* e *Enigma*, intitulados “Quero ser lembrada” e “Um dia... A gente acorda...”. No primeiro poema, podemos perceber um desejo pessoal do eu lírico diante da sociedade, o desejo de ser lembrada pelas coisas que fez, ser lembrada diante desta sociedade que faz pré-conceitos e que tudo é passageiro e rapidamente esquecido. No segundo, há uma sucessiva construção de imagens sobre o passar de uma vida, sobre a invisibilidade social das pessoas quando chegam em sua velhice, dando a ideia de que o mundo vai crescendo e nos diminuindo, com ar melancólico de lembranças. Vejamos:

Quero ser lembrada
 Por ter sido bondosa, e não porque
 Reparti o que eu não queria.

Quero ser lembrada por ter sido solidária
 E não porque doei ao mendigo,
 Um pão que não me servia.

Quero ser lembrada por ter sido paciente
 E não porque pedi a Deus
 Que me aliviasse o peso da cruz.

Quero ser lembrada, porque fui luz
 E não porque apaguei outras luzes,
 Para que apenas a minha brilhasse. (DUARTE, 2010, p. 95).

Um dia a gente acorda e percebe
 que tudo ao redor se modificou
 que nossos passos estão lentos
 que o outono mansamente chegou.
 Um dia a gente acorda e percebe
 que ficou praticamente invisível
 ninguém lembra de nos lembrar
 neste silêncio inadmissível.
 Um dia a gente acorda e percebe
 que estamos envelhecendo
 que os anos passam correndo.

Um dia a gente acorda e percebe
 que o silêncio está presente
 o telefone fica totalmente mudo
 e na porta não há sinal de gente. (DUARTE, 2010, p. 55).

Percebemos que na literatura se torna muito difícil falar de um gênero sem fazer um pequeno repasso de suas características e transformações ao longo dos períodos históricos. É necessário entender as características que o gênero adotou ao longo do tempo e suas transformações, assim como os variados pensamentos elaborados pelos críticos. Se no poeta romântico havia esse movimento de volta para o interior, ou seja, a expressão do “eu”, para o poeta moderno há um caminho quase que inverso. Ele já não projeta apenas seu interior, mas se vê projetado no mundo externo. Como salienta Salete de Almeida Cara, esse poeta tem a consciência de que qualquer tentativa de representação deste mundo, da visão deste, será apenas uma parcialidade do real. Foi Baudelaire que sistematizou o poema com relações entre os sons, ritmos e imagens. Neste momento, a modernidade aproxima-se da cidade, das multidões, do caos, desta forma incorporando esta estética das metrópoles na poesia. O que se pode perceber é que existem alguns pontos em comuns nos distintos períodos, e um deles é o fato da cidade, metrópolis, a “polis” ser um dos mecanismos de engrenagem no que diz respeito aos moldes da construção da poética. Neste momento, rompeu-se o chamado belo absoluto para o belo transitório. Por isso que Baudelaire diz que na modernidade há uma capacidade de transformar em poético tudo que seja artificial, grotesco e feio em uma cidade. Um dos métodos de linguagem que auxiliou nestas tentativas de captura momentânea foi a fotografia, aspecto que está presente na produção de Marilú e que será abordado mais adiante. Aqui se encontra uma nova perspectiva, exemplificada nas palavras de Salete de Almeida Cara:

Esse é um novo papel do poeta - do sujeito do lírico - diante da cidade moderna: ao mesmo tempo em que se acentua sua importância, pelo traço característico e insubstituível de seu olhar, de seu recorte de mundo, acentua-se também sua impotência em dar um sentido definido aquilo sobre o que está falando e em dominar o próprio instrumento que usa. (CARA, 1989, p. 44-45).

Com este estado do poeta moderno, totalmente à mercê das grandes cidades capitalistas, ele acaba necessitando recuperar-se, encontrar um sentido. Assim volta-se para as possibilidades encontradas no interior de seu principal mecanismo: a linguagem. Aqui abandona as velhas regras e moldes, fazendo uso das artimanhas de ritmo, sonoridade, ambiguidade, uma nova organização das imagens e associações mais criativas, desta forma emancipando e expandindo a lírica.

Após esse curto repasso histórico acerca do gênero, é preciso adentrar em algumas características e conceitos internos presentes em tal. Anteriormente foi citada a expressão “eu lírico”, essa é uma das principais, senão a principal, engrenagem constituinte de um poema. De fato, este é um sujeito, é quem conta e quem constrói a sucessão de significações contidas nas palavras do poema, porém este não pode ser considerado o autor da escrita. Pensemos neste triângulo: autor, eu lírico e texto. Este “eu” não será uma pessoa em específico, assim como o autor, mas será a voz que irá ocultá-lo. Por isso, neste momento, não é mais tão cabível ir na bibliografia do autor para buscar referências na sua escrita, como era a prática da crítica no período do romantismo, pois já não se leva em conta o “eu autor”. Caso contrário, como nas avaliações românticas, poderia-se entender essa obra de Marilú a partir de sua experiência pessoal e íntima da perda de seu primeiro filho, por exemplo. Nota-se a carga emocional que o poema “Um sonho... Que virou estrela”, presente também na obra *Momentos*, carrega, pois há quase que indiscutivelmente a voz de Marilú, presente nas palavras, exprimindo sua alma através de seu lado artístico, remetendo ainda a uma estilística mais próxima ao romantismo lírico:

Em uma noite fria de abril,
Breve como um gemido,
A espera se transformou em adeus.
O sonho, virou pesadelo,
E a própria vida perdeu o sentido.
Julgada no tribunal do destino,
Fui condenada, sem poder entender
O cruel e injusto castigo,
De sepultar o meu sonho,
Sem chance de o conhecer.
Sonhava com seu rosto, seu sorriso,
Suas mãos dentro das minhas,
Seu corpo recebendo meu calor,
Minha ternura, meus planos,
Meu sufocado amor.
Só restou o silêncio...
A ausência de um rosto para lembrar,
Um berço vazio,
E a angústia a me sufocar. (DUARTE, 2010, p. 19-20).

O eu lírico também não pode ser totalmente distanciado de seu escritor, visto que é

este quem faz as escolhas, consciente ou intuitivamente do texto. Explica Salete de Almeida Cara que:

O Sujeito Lírico sempre existe através das escolhas de linguagem que o poema apresenta, mas na poesia moderna fica mais evidente que o sujeito lírico é o responsável por esses “atos de dominação”: não pode ser confundido com o poeta em carne e osso porque sua existência brota da melodia, do canto, da sintaxe, do ritmo: o sujeito lírico é o próprio texto, e é no texto que poeta real transforma-se em sujeito lírico. (CARA, 1989, p. 48).

Este é o sujeito que vai unir todos os elementos e escolhas de linguagem feitas dentro do texto, e assim só irá se revelando no decorrer da construção do texto, tomando consciência de que o espaço da poesia não será mais a do espaço do real e a do espaço do “eu autor”. Se libertando assim daquelas lógicas em que era aprisionado, caminhando para os desejos e utopias, encontrando o leitor que é parte indispensável para o processo de significação. Neste próximo poema, da obra *Revoar de sonhos*, de 2013, podemos encontrar um certo amadurecimento, exemplificado no poema “Se eu pudesse”, onde na leitura vamos percebendo a construção do eu lírico a partir das escolhas de linguagem, que desordenadamente vão criando as imagens para o leitor. Através das representações abstratas da natureza e das artes, traz o desejo humano, movido pelo lado social, de ser “algo”, sem perder o tom da subjetividade:

Queria ser o tempo,
Ser um riacho ou uma colina,
Ser o ruído do vento
E a paixão que alucina!

Ser a Brisa e o orvalho
Tingindo o amanhecer,
Ser pássaro ligeiro e forte,
Ser a vida, além da morte.

Se eu pudesse
Queria ser a nota musical,
As cores de um beija-flor,
E a matéria-prima do escultor.

Ser todos os povos e raças,
Ser do ódio o seu reverso,
Ser o próprio renascer,
Brilhando no Universo. (DUARTE, 2013, p. 114).

Citando agora alguns dos traços estilísticos que os poemas possuem, como já dito, ritmo e melodia, Salete de Almeida Cara nos fala que provavelmente um dos primeiros traços da linguagem que envolvem o leitor é justamente a qualidade sonora e as unidades rítmicas que as palavras formam. Aqui é importante ressaltar outro conceito: a melopeia já citada anteriormente, que para Ezra Pound é “a característica de produzir correlações emocionais por intermédio do som e ritmo da fala” (POUND *apud* CARA, 1989, p. 59).

Esse ritmo de leitura, ou seja, a recepção que o leitor gera, também pode absorver um ritmo associativo, assim pode existir uma leitura de aproximações entre elementos que não estejam necessariamente em sequência lógica. Outras questões que já podem aqui serem colocadas é que cada linha de um poema se denomina verso, por sua vez, o conjunto destes versos irá formar a estrofe. A métrica é o mecanismo utilizado para medir um verso de acordo com a contagem de sílabas poéticas. E as rimas de um poema podem seguir diferentes modelos de estrutura, como, por exemplo, rimas emparelhadas, rimas alternadas, rimas opostas ou interpoladas e rimas encadeadas. Para entender um pouco melhor esses conceitos, utilizamos uma estrofe do poema “Hoje”, presente na obra *Ciranda poética*, de 2009:

Hoje eu não quero ouvir doutrina,
Nem fazer qualquer tipo de pregação,
Quero um poema e a sua melhor rima,
Para despertar o Deus do amor e da paixão. (DUARTE, 2009, p. 44).

Este trecho é uma estrofe composta por quatro versos e, para entender sobre a métrica, será feita a escansão das sílabas poéticas de cada verso, lembrando ser este o mecanismo responsável pelo ritmo. Se essa divisão silábica fosse de acordo com as regras gramaticais, teríamos: 1º verso com 11 sílabas; 2º verso com 11 sílabas; 3º verso com 14 sílabas e o 4º verso com 14 sílabas. Porém a contagem das sílabas poéticas são feitas de maneira distinta, pois se conta sempre até a sílaba tônica da última palavra de cada verso e, quando as sílabas acabam em vogais e a próxima inicia com vogais, acabam sendo unificadas. Dessa forma, temos no 1º verso: ho/jeeu/não/que/roou/vir/dou/tri (oito sílabas poéticas); 2º verso: nem/fa/zer/qual/quer/ti/po/de/pre/ga/ção (onze sílabas poéticas); 3º verso: que/roum/po/e/maea/su/a/me/lhor/ri (dez sílabas poéticas); 4º verso: pa/ra/des/per/tar/o/deus/doa/mor/e/da/pai/xão (treze sílabas poéticas). As rimas estão distribuídas de forma ABAB, pois o primeiro verso rima com o terceiro e o segundo rima com o quarto.

No que diz respeito à recepção deste fenômeno lírico, também é importante estar atento que, como qualquer outro produto da literatura, da mesma forma há uma bagagem de possibilidades que serão determinadas pelo seu tempo e contexto histórico, ou seja, inevitavelmente há uma relação lírica e histórica. Conforme afirma Salete de Almeida Cara, “essa situação de leitura, por sua vez, envolve não apenas a relação entre leitor e texto, mas também a relação entre texto e seu tempo histórico, que cria certas expectativas, tanto para o fazer do texto como para sua recepção” (CARA, 1989, p. 56-57). Marilú Duarte e sua

poética estão na modernização, assim como na contemporaneidade, e a estilística de seus poemas nos traz várias vozes do eu lírico, construídas a partir de fortes críticas e reflexões ao social, à sociedade, aos sentimentos, às mazelas da sociedade e suas influências no ser humano. Enquanto receptores, podemos pensar de acordo com nossa bagagem de conhecimentos, limitando esta “sociedade” a Jaguarão ou expandindo ao social que engloba todos os seres humanos de todas as esferas sociais. No poema há essas críticas, ou essas sensibilizações, muitas vezes de forma sutil e associativa. Há uma sonoridade envolvente das palavras e das imagens formadas a partir delas, o que faz que se prenda à leitura. Outras vezes podemos perceber a Marilú romântica que escreve sentimentos profundos, íntimos, carregados de emoção e desejos utópicos. Está presente muito o espaço psicológico em sua escrita, quando várias vezes o eu lírico devaneia sobre as paisagens de seu pensamento ou de suas memórias, muitas das vezes refletindo sobre a rápida passagem do tempo. Em outros vários momentos a poeta tem a audácia de usar artimanhas da linguagem, fazendo metalinguagem, quando no poema aparentemente fala do poeta e seu produto, carregando ambiguidade para questões da vida. Alguns exemplos:

Audácia

Vi a loucura, transforma-se em bruma, e, como pluma, sobrevoar o infinito.
 Vi aplaudirem o imaginário de um poema,
 Sem nexos e efeito, perdido no silêncio, do vazio
 e do preconceito
 Verdade ou mentira? Loucura ou demência?
 Há mistério na verdade, há mentira na inocência.
 Pintaram o poema de rosa, imerso na purpurina e abstração,
 introspectando na criatura a deformidade da criação.
 Instituíram assim a mentira, dando asas ao imaginário,
 e condenaram o mísero poema
 a um futuro “réu primário”! (DUARTE, 2010, p. 47).

Mentira

Os aspectos inconscientes não-ditos,
 calaram estarecidos diante do circo.
 Publicidade, divulgação, destaque,
 aplausos e até gritos.
 Por trás daquele motivo a subjetividade se afívela.
 Um processo de produzir o improdizível,
 vai gerando todas as mazelas.
 Envolto pelo mísero inconsciente, desejo oculto e mafioso,
 o fato vai gerando o propósito, neste pensar ardiloso.
 Ficou a pergunta no ar
 afinal, onde está mesmo o poema?
 Será nas entrelinhas de uma mentirinha suprema? (DUARTE, 2010, p. 59).

Anoitecer

Anoitece e os pássaros se recolhem,
 No silêncio bucólico do entardecer.
 Na revoada há toda uma coreografia
 Um até breve ao dia, que irá morrer.

Nas ruas os pedintes vão se recolhendo,
 Cobrindo-se com jornais e revistas

Fazendo de conta que os noticiários,
Falam de suas vidas e de suas conquistas.

Na calada da noite, a morte espreita
Vestida de donzela e de falsos prazeres:
Drogas, HIV, decadência e prostituição,
Um marketing da moderna civilização.

Homem bomba, explodindo seus sonhos,
Dizimando inocentes, a qualquer preço,
Enquanto a violência, a fome e a epidemia
Reviram uma geração inteira do avesso. (DUARTE, 2009, p. 64).

Além disso, sua liricidade não se encontra apenas nos poemas, mas também em algumas de suas crônicas, pois, como ressalta Salette de Almeida Cara, quando a palavra lírica é utilizada como adjetivo está ligada a uma qualidade decorrente dos traços estilísticos, podendo ou não estar presente nos textos independente de sua classificação quanto ao gênero. Como já mencionado, Marilú por muitos anos manteve colunas sociais em jornais, sendo cronista, e Afrânio Coutinho assinala que os jornais cresceram no país no romantismo, contribuindo para o acento lírico predominar sobre as crônicas. Ainda nos deixa evidente que “é perfeitamente compreensível que os cronistas literários fossem igualmente poetas [...]” (COUTINHO, 1999, p. 123). O lirismo de Marilú encontra-se em suas crônicas, como, por exemplo, na pequena reflexão presente em “Tudo é igual”, do livro *Enigma*:

Se prestarmos atenção, veremos que quase tudo é igual: o nascer do Sol, o Luar, as canções, as mentiras, as traições e as histórias contadas e recontadas ao longo dos séculos. Tudo se repete: o primeiro amor, a primeira paixão, a primeira dúvida, o primeiro tropeço, a vontade de acertar, e a promessa de mudar. [...] Tudo é igual até a lágrima que rola na face, a dor da saudade e os espinhos que ferem a alma. Somos iguais, independente do rótulo que nos atribuímos. Somos iguais quando nos despedimos deste mundo e como o por do sol, apagamos a nossa luz, para brilhar na eternidade. Nada nos diferencia, a não ser a história que deixamos escrita nos anais da vida. E mesmo assim, é por pouco tempo. (DUARTE, 2010, p. 27).

Percebe-se a poeticidade em Marilú Duarte, que transita entre os gêneros e as diferentes artes. Notamos que o trecho está nos moldes do gênero crônica, sendo uma pequena narrativa descrevendo características de um cotidiano, mais que um cotidiano, uma sequenciação de fatos presentes na vida dos seres humanos. Contudo, ao realizar a leitura, podemos perceber de forma inegável a poeticidade presente no distribuir das palavras, as correlações entre elas, os jogos entre natureza, acontecimentos e sentimentos, a sonoridade presente durante o ato da leitura. Podemos montar um jogo de imagens, fotografias, que compõem as ações do texto formando um todo, assim como faríamos na leitura de uma poesia. Mas, como focado teoricamente, essa poeticidade também pode ser encontrada neste gênero, criando esse hibridismo, como visto na citação acima, um hibridismo bem

trabalhado por Marilú Duarte.

No próximo subcapítulo há continuação no eixo de sua poética, porém aderindo a outra perspectiva. Será trazida outra produção artística desta mulher, a fotografia, abordando as relações entre sua poética e suas fotografias. O diálogo entre diferentes linguagens: a verbal e a visual.

2.2 Fotografia e literatura: o diálogo entre linguagem verbal e visual na obra de Marilú Duarte

Neste subcapítulo, serão desenvolvidas as questões que se referem à possibilidade da relação entre literatura e fotografia, temática que possui estudos e pesquisas dentro dos enfoques e áreas conectadas aos eixos literários, principalmente com auxílio dos enfoques das teorias da literatura comparada. Essa é uma abordagem muito importante no que diz respeito ao trabalho deixado por Marilú Duarte em sua contribuição artística para a cidade de Jaguarão. Como dito anteriormente, a artista possui uma vasta galeria de fotografias tiradas de locais da região, utilizadas para criações de cartões postais, exposições tanto nacionais como internacionais, e na construção de seus livros. O mais relevante na análise aqui desenvolvida é a colaboração que suas fotografias compartilham com suas escritas poéticas em seus livros. Para isso, serão utilizados alguns estudos e pesquisas que relacionam a esfera da fotografia com a esfera da escrita, tentando exemplificar, com sua obra, essa construção de significações a partir destas duas linguagens que, à primeira vista, podem parecer distantes, já que uma é verbal e a outra visual, mas que, analisadas à luz das concepções da literatura comparada, tornam-se possíveis suas aproximações.

Como visto no capítulo anterior, uma das características da poesia é a sua capacidade, aliás a capacidade do eu lírico, em construir imagens a partir da linguagem verbal e, através delas, apresentar-se ao público. Ao ler o poema, o sujeito leitor consegue facilmente fazer a visualização de muitas imagens que podem aparecer em ordem cronológica ou não, por estrofe ou verso, permitidas através do jogo rítmico, semântico ou com a realização de analogias possíveis. Observemos este exemplo a seguir, parte de um poema que foi utilizado no capítulo anterior para analisar as questões líricas, mas agora olhado sob a luz unicamente das imagens e da construção visual, presente no livro *Ciranda poética*:

Se eu pudesse

Queria ser o tempo,
Ser um riacho ou uma colina
Ser o ruído do vento,

E a paixão que alucina!

Ser a brisa e o carvalho
Tingindo o amanhecer,
Ser pássaro ligeiro e forte,
Ser a vida, além da morte.

Se eu pudesse
Queria ser a nota musical,
As cores de um beija-flor,
E a matéria prima do escultor.

Queria ser a nuvem,
O céu e o anoitecer,
Ser jovem, sempre.
E assim permanecer. (DUARTE, 2009, p. 8 - 9).

No decorrer da leitura, podemos visualizar as imagens que compõem o sujeito poético deste fragmento do poema. É importante ressaltar que o poema é composto por um total de 9 estrofes, sendo oito quartetos e um sexteto. O eu lírico relata as diversas presenças existentes na humanidade e que ficam marcadas no tempo através das palavras. Construimos as imagens, por verso, dentro das possibilidades dadas pelo eu lírico, a marcação do tempo seguida pelos elementos da natureza que aparecem gradativamente evoluindo até chegar às cidades. Um movimento que acompanha o avanço da humanidade (campo, natureza, artes das polis, construção da noção de espacialidade terrestre, elementos da natureza mesclados às grandes cidades, a religiosidade que toma conta, o universo). Visualizamos os *flashes*, como quadros: o riacho com a colina, o vento mexendo a vegetação e as águas, a pessoa alucinada pelas cóleras do amor, trazendo o peso e a melancolia das palavras, ao mesmo tempo o vento traz essa ideia de fluidez do tempo passando. No compasso de cada verso, vamos construindo as imagens soltas que se conectam em quadros, para no fim percebermos que o eu lírico se trata da própria construção do poema, da literatura e suas utopias. Assim o leitor pode ter um olhar direcionado, um olhar fotográfico que captura as possíveis imagens para que cada uma evidencie a sequência de movimentos, formas e perspectivas presentes no poema.

Afinal, indiscutivelmente este é um dos mecanismos presentes na poesia, realizar por meio da linguagem verbal a construção de imagens a partir de textos. Contudo podemos pensar um pouco além, isto é, analisar que há aqueles artistas que recorrem e se utilizam de mais de um tipo de linguagem para expressar sua subjetividade artística, inclusive mesclando-as, sendo este o caso de Marilú Duarte.

2.2.1 A fotografia em suas obras

Marilú Duarte foi uma das referências em fotografias locais, segundo sua filha, em uma época em que tais registros ainda continham poucos recursos na cidade, pois era necessário um deslocamento para outras cidades para fazer a revelação dos filmes. Mas, para além disso, Marilú uniu suas fotografias aos seus livros de poemas e, notoriamente, podemos ver significações que se mesclam em ambas estruturas. A primeira percepção é que alguns de seus livros possuem suas capas feitas de registros de espaços locais, como a Ponte Internacional Mauá e as ruínas da antiga Enfermaria Militar, pontos turísticos da cidade. Além disso, suas obras quase em sua totalidade possuem fotografias. Para este capítulo, o destaque ficará com as obras: *Amor sem fronteiras*, publicado em 1997, *O enigma*, publicado em 2010, *Revoar de sonhos*, publicado em 2013, e *Sem você... sou ninguém*, publicado em 1998. Em todas as obras citadas, a fotografia possui um espaço importante, principalmente *Amor sem fronteiras*, pois se trata de um Fotolivro, em que todas as páginas são fotografias com dizeres poéticos. Livro em que inclusive uma das finalidades, descrita nele mesmo, era destacar as folhas e presentear pessoas queridas com tais registros. É possível ver as linhas onde deveria realizar-se o recorte da página para, assim, destacar as folhas do livro, o que confere uma das características semióticas constituintes da obra. Observa-se na imagem a seguir, retirada desse livro, as folhas compostas por fotografias e poemas, com a indicação da localidade na lateral.

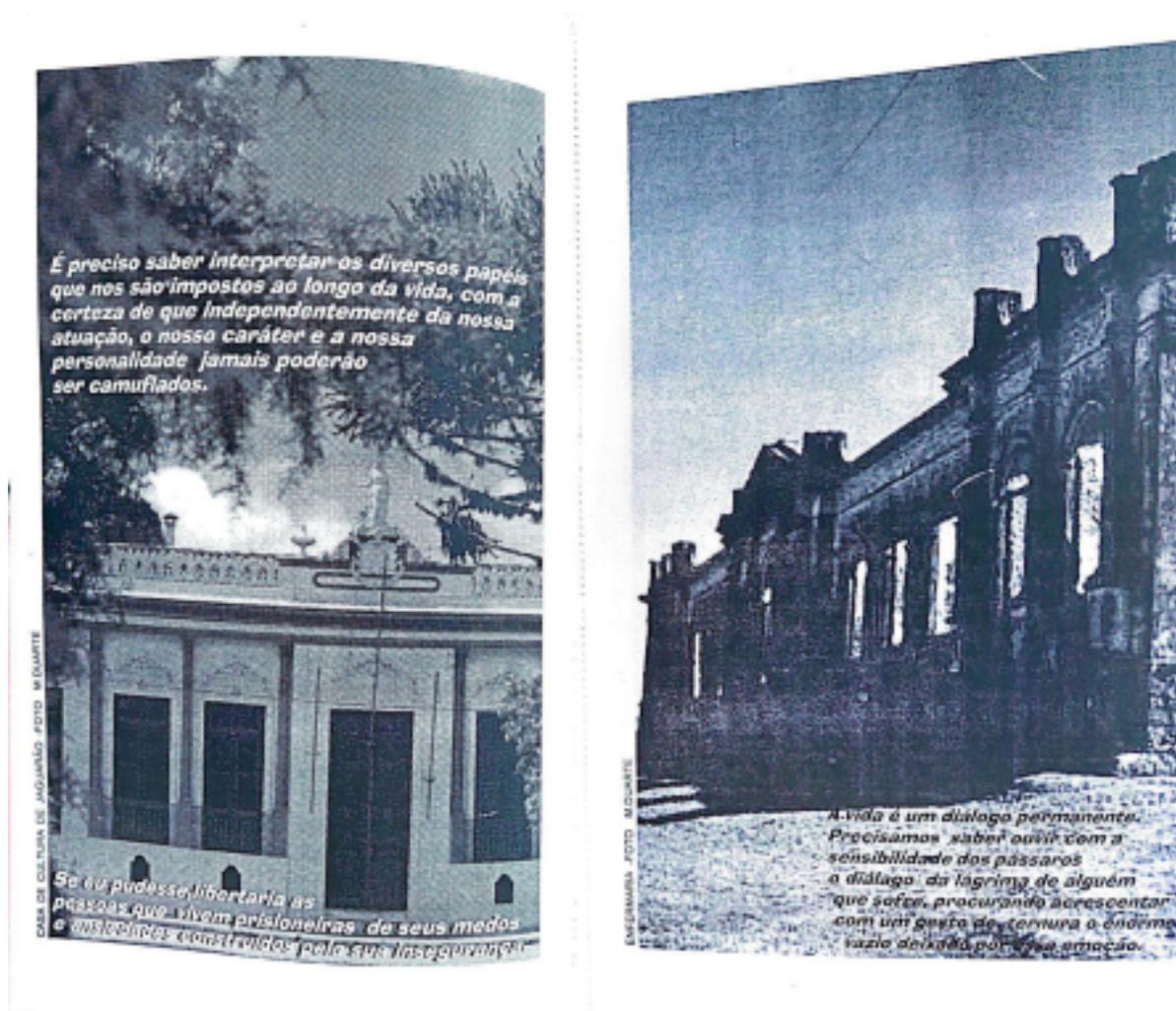


Figura 1: *Amor sem fronteiras*, p. 18-19

Na primeira imagem, é possível fazer a leitura relacionando as palavras e a fotografia, como, por exemplo, o fato de o casarão antigo que abrigou o Fórum da cidade, local de decisões jurídicas, e o poema refletir sobre a interpretação de papéis. Isto é, aprender a lidar com as situações impostas, mas sem perder a essência e o caráter, ou seja, podemos nos levar de acordo com as mudanças culturais, mas sem esquecer que as mudanças partem de quem somos e como somos. A autora também deixa claro em suas palavras o fator de impossibilidade da camuflagem, que por sua vez dialoga com a fotografia em que a vegetação, ao redor, parece tentar esconder o casarão antigo, mas falhando. Na segunda imagem, está presente a figura das ruínas da antiga Enfermaria Militar da cidade, local que foi deteriorando-se com o passar do tempo. Mas que, em outro momento histórico, manteve muitos pacientes em seus grandes quartos, quase como pássaros feridos, presos em gaiolas. Assim, como no poema há a referência aos pássaros, é possível fazer a analogia das lágrimas com o choro dos militares feridos e hospitalizados que por ali estiveram e que quiçá nunca foram ouvidos.

Fazendo uma breve passagem sobre as questões que se referem a fotografia,

devemos considerar que a mesma, após sua popularização, passou por embates entre ser ou não considerada um produto artístico. A fotografia inevitavelmente foi um dos avanços aguardados pela sociedade industrializada do século XIX, então por que não pensarmos nela também como mecanismo da exposição de suas mazelas, ou seja, as mazelas dessa sociedade moderna? Em 1842, a Sra. Hippolyte Levenue expôs suas fotografias na terceira exposição da Academia Imperial de Belas Artes, aqui no Brasil, sendo uma das pioneiras no mundo a levar imagens a tais salões artísticos. Segundo Vasquez (1986), essa inclusão da fotografia no meio artístico brasileiro se deu por conta do “estágio impaciente em que se encontravam as manifestações artísticas brasileiras, permitindo uma flexibilidade capaz de absorver sem traumas uma inovação que a maioria considerava apenas uma curiosidade técnica, um prodígio da ciência destituído do valor artístico” (VASQUEZ, 1986, p. 28). Ainda, segundo Mateus, Martins e Belo (2021), o diálogo entre a literatura e a fotografia ganha menos atenção justamente pelo fato desta linguagem visual estar no âmbito de ser, ou não, incluída nos domínios artísticos. Contudo existem estudos chamados “fotoliterários”, como, por exemplo, as análises desenvolvidas por Jean-Pierre Monier, que aborda a relação da fotografia com a literatura no romance *O pintor de retratos*, escrito por Assis Brasil.

Voltando para o trabalho de Marilú, as páginas de seus livros possuem diversas fotografias, quase que em totalidade, da cidade de Jaguarão, das ruas, praças, do teatro, da ponte, dos pontos turísticos e pontos pouco explorados. São fotografias de perspectivas diferentes, cores, ângulos e épocas variadas. São registros espaço-temporais da narrativa jaguareense, que quando analisados torna-se possível perceber movimentos das mudanças na cidade, pelo menos para aquelas pessoas que aqui residem. Com essas imagens, a artista consegue trazer a representatividade de sua contemporaneidade para a arte, ligadas a composições poéticas ou textos curtos, mas muito incisivos. Podemos analisar algumas destas questões nas imagens a seguir, retiradas do livro *Sem você... sou ninguém*:



Figura 2: *Sem você... sou ninguém*, p. 51, 59.

Nas duas fotografias acima, é possível reconhecer locais da cidade de Jaguarão. Na primeira, a Praça Alcides Marques e, na segunda, a Praça do Desembarque, tendo foco, na imagem, o Mercado Público Municipal. Nessa segunda imagem, é possível sentir a poeticidade no convite sugestivo que a fotografia provoca em seu leitor, pois observa-se o enquadramento da imagem pegando a árvore típica da praça, a figueira, logo abaixo em sua sombra um banco. A composição da sombra, ressaltando a luminosidade do dia ensolarado, parece fazer um convite ao leitor para que se sente e observe o dia e a bela vista presente em uma das praças históricas da cidade (significação também presente na primeira imagem). Além disso, o foco da imagem está na escadaria que dá acesso a um dos pórticos de entrada do Mercado Público Municipal, que pela forte luz do sol transparece um pouco de seu interior, dessa forma instigando, convidando o público a entrar no mercado e conhecê-lo. São justamente esses os recursos utilizados por Marilú para que seu público adentre a locais da cidade, conhecendo assim as muitas histórias, escondidas, que constituem essa cidade rica em questões culturais.

Nas imagens a seguir, está presente uma das figuras mais importantes para a cidade de Jaguarão, e não só para a cidade, mas para a fronteira. Refere-se à Ponte Internacional Barão de Mauá, incontestavelmente um dos símbolos mais fotografados por Marilú Duarte. A seguir, a representação da mesma figura em épocas e perspectivas distintas:



Figura 3: *Sem você... sou ninguém*, p. 75, 79

Em outros momentos, a literatura já presenciou esses feitos, como, por exemplo, o Fotolivro criado por Daniel Blaufuks intitulado como *Lisboa clichê*, sendo este um conjunto de fotografias da cidade portuguesa acompanhadas de textos poéticos. Outro exemplo são as obras de Susana Paiva que trazem imagens fotográficas consideradas como paisagem urbana, construindo essa narrativa dos espaços da cidade através das imagens, possuindo esse estilo de imagem acompanhada de breves apontamentos verbais. Outros exemplos citáveis, ainda em voz feminina, em que nas obras há inegavelmente essa relação das palavras com a linguagem visual são o *Diário de Anne Frank*, em que existem fotografias familiares, e *Um livro dos dias*, de Patti Smith, nas autorepresentações da acelerada mudança da América, na perspectiva do movimento Punk.

Voltando para a visão mais poética, existem estudos que consideram essa característica como genética híbrida dentro dos sistemas literários. Martelo traz em suas pesquisas que “será de realçar, então, que, para a poesia moderna, [...] o foco de interesse nunca está em pensar a imagem, uma imagem, mas sim em potenciar o fluxo das imagens e

as reações que estas mantêm entre si” (MARTELO, 2012, p. 22). Ainda no modernismo, foi acentuado o uso da fragmentação da linguagem representando as rápidas mudanças culturais, a exemplo dos escritos de Baudelaire. Justamente essa posição do tempo na poesia moderna é trazida por Fonseca e Sousa (2008) nas palavras de Sheppard como “o tempo se converte numa série de instantes fragmentados, e o sentido de continuidade cede lugar a descontinuidade” (SHEPPARD *apud* FONSECA; SOUSA, 2008, p. 152). Logo, eles trazem:

Se “o tempo se converte numa série de instantes fragmentados”, é preciso, então, uma nova linguagem para exprimir o estranhamento do contato do homem com o real da modernidade, quando as palavras convencionais já não são mais suficientes para dar vazão aos sentimentos de estarecimento diante da solidão que cresce, proporcionalmente, ao aumento da população das cidades e ao avanço das máquinas nos mais diversos setores. Mais do que falar, há uma poesia que parece gritar e balbuciar ao mesmo tempo, a fim de expressar as angústias e as inseguranças diante de uma era em que a cada momento estreitam-se os lugares para a inocência. (FONSECA; SOUSA, 2008, p. 152-153).

Assim, como diz Salette de Almeida Cara (1989), uma das linguagens modernas que colaborou para essa visão foi a própria fotografia. Outra voz feminina que faz uso deste recurso das imagens é Clarice Lispector, admitindo essa exigência de múltiplos recursos para expressar a subjetividade e a complexidade do ser humano, relacionando a imagem com a palavra, dividindo-se entre as possibilidades de expressões na obra *Água Viva*. Ainda dentro da perspectiva do Modernismo, para que haja essa expressão da fragmentação ao mesmo tempo da instantaneidade, a linguagem recorre a tipos de possibilidades distintas, incluindo a do silêncio. Logo, a fotografia seria uma ótima alternativa de linguagem, pois ignora as palavras, e assim, segundo Fonseca e Sousa, “se as palavras penetram a realidade, [...], talvez se comece a perceber que, por trás de seu silêncio, a imagem fotográfica pode dizer muito. Se, na literatura, as palavras transformam-se em imagens, na fotografia são as imagens que geram as palavras” (2008, p. 156). Contudo, essa perspectiva do silêncio não se distancia totalmente do cenário da poesia, afinal, como diz Octavio Paz, “a poesia é algo que entra pelos olhos e não pelos ouvidos” (PAZ *apud* FONSECA; SOUSA, 2008, p. 165). Supomos ser inegável essa relação entre a poeticidade presente em fotografias, assim como a poeticidade existente nas palavras, já que ambas são capazes de gerar e exprimir sentimentos e emoções de seu público leitor.

A fotografia enquanto arte é capaz de transformar imagens em mecanismos capazes de produzirem nos seres humanos variados sentimentos através de suas características ou intencionalidades, ou seja, existe uma capacidade de gerar um certo estímulo emocional. Esse sentimento se aproxima e pode estar relacionado com a capacidade poética desta

fotografia. Tal percepção é feita por Smith (2003), que acredita que a fotografia está muito próxima da técnica do verso. Outra autora que corrobora esse pensamento é Susan Sontag, que também procura estabelecer essa relação de pertinência entre a literatura e a fotografia afirmando que o conjunto dos valores fotográficos se aproxima da poesia moderna, pois ela afirma que:

[...] a poesia (desde Apollinaire, Eliot, Pound e Willian Carlos Williams) define-se cada vez mais como uma atividade ligada ao visual. [...] O compromisso da poesia com o concreto e com a autonomia da linguagem do poema corresponde ao compromisso da fotografia com a visão pura. Ambos supõem descontinuidade, formas desarticuladas e unidade compensatória: arrancar as coisas de seu contexto (vê-las de um modo renovado), associar as coisas de modo elíptico, de acordo com as imperiosas mas não arbitrarias exigências da subjetividade. (SONTAG, 2004, p. 112).

Outra questão que podemos pensar é que Marilú, através de suas fotos, consegue trazer mais fortemente essa representação dos espaços urbanos de Jaguarão em sua arte. E uma das questões que há muito tempo não se dissocia da literatura são as representações das polis. Um exemplo é *Iliada*, de Homero, em que a questão é entrar justamente na cidade. O que Marilú faz é trazer através de outra perspectiva, quiçá sem intenção, mexer com esse hibridismo literário utilizando duas formas de linguagem, exprimindo assim novas sensações dos leitores. Porém, por consequência desse alinhamento literário com novos sistemas semióticos, torna-se cada vez mais necessário encontrar novas abordagens e realizar novas pesquisas e estudos. Essa temática composta por fotos dos espaços urbanos em livros é algo já muito utilizado, a exemplo das obras *Paris by night* feita por Brassai e *The americans*, de Robert Frank, em que ambas constroem narrativas a partir de fotografias destes territórios, permitindo que o leitor seja impactado através do visual. Outra obra que se aproxima ainda mais dessa metodologia empregada por Marilú Duarte é *Paranóia*, obra que é composta por fotografias feitas por Wesley Duke Lee para o livro do poeta Roberto Piva, onde se unem fotografias e poemas. Nessa obra, cada poema possui uma foto referente, sendo um total de 76 imagens, extremamente similar à metodologia utilizada no livro *Amor sem fronteiras*, de Marilú, que possui em sua totalidade 100 fotografias, cada uma com um poema. Porém, o diferencial deste livro é que todos os poemas foram feitos sobrepostos às imagens. Pode-se entender os escritos como partes constituintes e indissociáveis das imagens, pois estão interligados e, mais do que isso, uma precisa da existência da outra.

Já a obra *Revoar de sonhos/Revolotear de sueños* (uma edição bilingue), composta por duas seções, uma denominada como “Reflexões”, em que Marilú traz escritos curtos, sucintos, mas carregados de subjetividade e poeticidade; enquanto a outra seção é direcionada propriamente aos poemas. Nesta obra, temos cerca de 39 imagens compostas

por fotografias, porém desta vez não apenas de Jaguarão, já que algumas são fotografias tiradas em Montevideu (Uruguai) e outras em Brasília e Pelotas (Brasil), fruto de suas viagens. Nesta publicação, foram feitas algumas colagens, ou seja, algumas páginas possuem imagens compostas por mais de uma fotografia. Outra questão é que nem todas as páginas possuem fotografias, e as que possuem estão dispostas sempre na parte superior da página, vindo os textos logo abaixo. Há uma correlação entre as linguagens, porém desta vez não há uma conexão integral entre ambas, deixando a impressão de que neste livro as palavras podem ser complementadas com o visual das imagens, mas não possuem uma relação de dependência.

A perspectiva muda em *Sem você... sou ninguém*, pois desta vez as fotografias, em sua maioria, ganham novamente uma página por inteiro, agora coloridas e notoriamente mais nítidas. Essa ampliação traz uma sensação de maior significação para as imagens, parecendo dar um valor maior às fotografias e aos espaços nelas retratados, sendo um total de 39 fotos. As páginas também estão compostas com pensamentos e poemas, além de encerrar com dedicatórias de amigos próximos à escritora. No livro *Enigma*, entre pensamentos, crônicas e poesias, a artista dispõe de metodologia similar a *Revoar de sonhos*: são 93 imagens compostas por várias fotografias que estão em preto e branco, de localidades distintas entre Brasil e Uruguai. Algo que podemos perceber é que estas colagens são as mesmas que compõem os cartões postais de Jaguarão, e estes por sua vez possuem poesias em seu verso.

2.2.2 Ponte entre a palavra e a imagem: uma leitura construída a partir desse diálogo

Na sequência, serão abordadas algumas outras fotografias presentes em seus livros com relação ao seu acompanhamento escrito, para que assim seja enfatizada essa hipótese de ponte verbal e visual dentro da obra deixada por Marilú Duarte. Uma das páginas do livro *Enigma* em que encontramos imagens é a que segue:

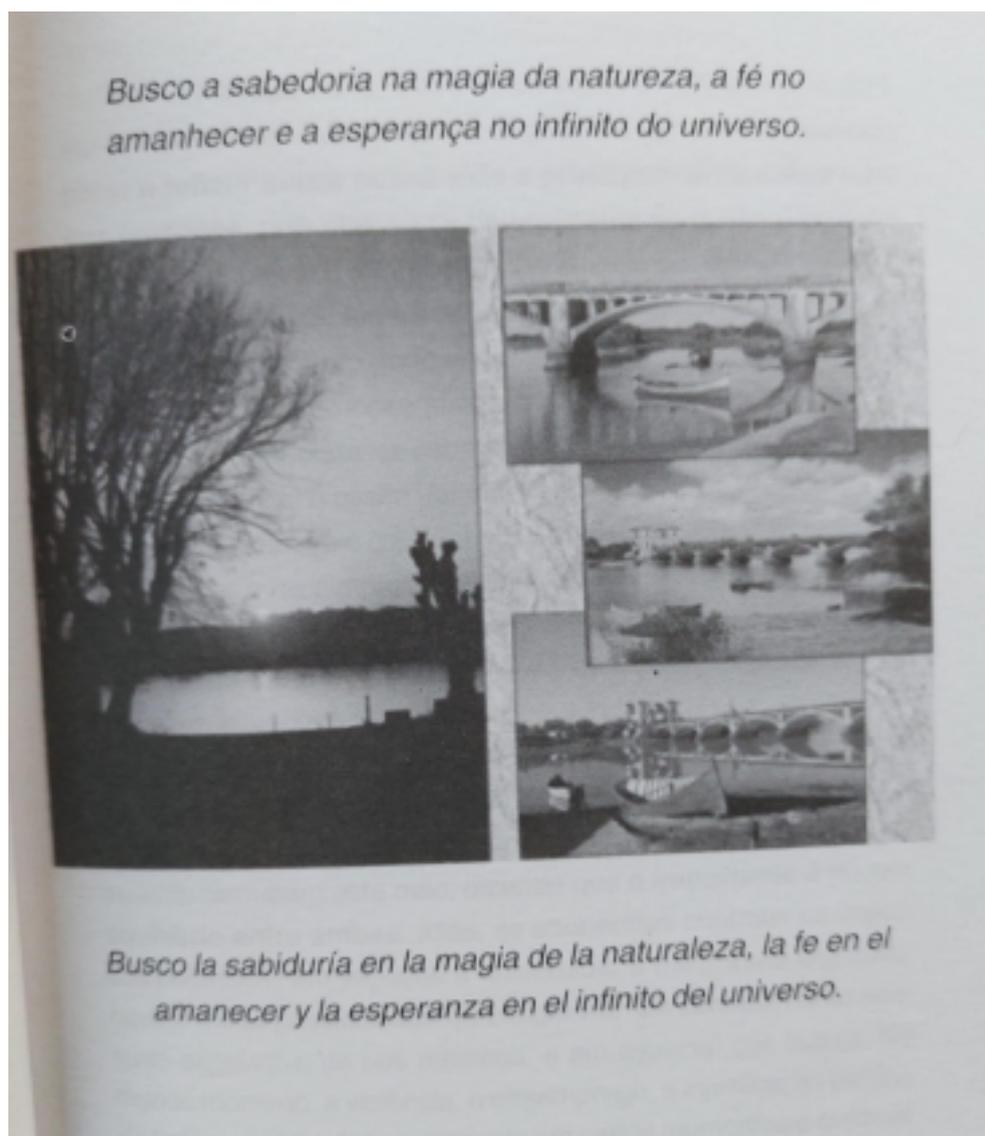


Figura 4: *Enigma*, p. 13

Podemos perceber que na imagem está presente um conjunto de fotografias, sendo todas enfocadas na perspectiva do Rio Jaguarão, rio que fica na divisa entre a cidade brasileira de Jaguarão e Rio Branco, cidade uruguaia. São fotos aparentemente exaltando a natureza, o bucólico que está compondo a cidade, como, por exemplo, as águas do rio, a vegetação e o céu, em contraposição às construções feita pela civilização, como, por exemplo, os pequenos barcos, a orla ao redor das águas e, quem sabe a principal, a Ponte Internacional Mauá, que está sendo exaltada em três das fotografias. As imagens por si só já carregam grande complexidade e subjetividade, podendo transparecer distintas percepções dos leitores: tranquilidade, solidão, desejos, etc. Outro exemplo é que as fotos trazem o silêncio desses espaços vazios, pois não há presença da figura humana, senão pelas próprias construções. Contudo deveria ressaltar essa facilidade de transitoriedade entre duas nações,

a proximidade entre dois países, o que por si só poderia ser interpretativo de população, de muitas pessoas, do vai e vem.

Quando pensamos nos acompanhamentos escritos, podemos expandir nossas percepções: quem é este eu lírico que está na busca? Percebe-se um sujeito em primeira pessoa, o que nos leva a pensar: será possível que nas palavras “busco a sabedoria” está contida uma leve ironia sobre a constante busca de saberes do ser humano, que muitas vezes deixa de olhar para seu próprio ambiente, ambiente este presente nas palavras? Pois, se atentarmos, “natureza” está tanto na linguagem verbal quanto na visual. Possivelmente essa “magia da natureza” é justamente essa proximidade entre duas culturas distintas, separadas unicamente por um elemento natural: a água. Se por um lado o eu lírico evidencia a magia da “fé no amanhecer”, a fotografia traz o entardecer em contraponto, com o sol no horizonte. E quiçá essa esperança esteja contida nessa eterna continuidade do tempo, do avanço, do progresso do infinito. A ponte aqui pode ser essa representação do infinito, pois é ela quem nos dá as infinitas possibilidades de transitoriedade entre um território e outro deste universo chamado fronteira.

A próxima imagem foi tirada na igreja Imaculada Conceição, que está presente no livro *Amor sem fronteiras*. É uma fotografia de Nossa Senhora, uma das esculturas presentes na igreja. Se fôssemos fazer uma leitura apenas dos escritos, sem a fotografia, poderíamos apontar inúmeras possibilidades, de acordo com as subjetividades que a imagem oferece. Mas como, neste Fotolivro, percebemos a conexão entre imagem e palavra, mencionada anteriormente, notamos a relação existente entre as estrelas do texto com as estrelas presentes na imagem (escultura). Há um jogo de palavras entre “cobrir” e a imagem relacionada à fé, justamente com o jogo entre cobrir-se pela fé, assim como pelo manto sagrado da Santa. Porque talvez, para o eu lírico, a fé seria o mecanismo para não haver mais noites sem luar, ou seja, poderia se entender a lua representando a fé que ilumina a humanidade e não a deixa cair na escuridão.

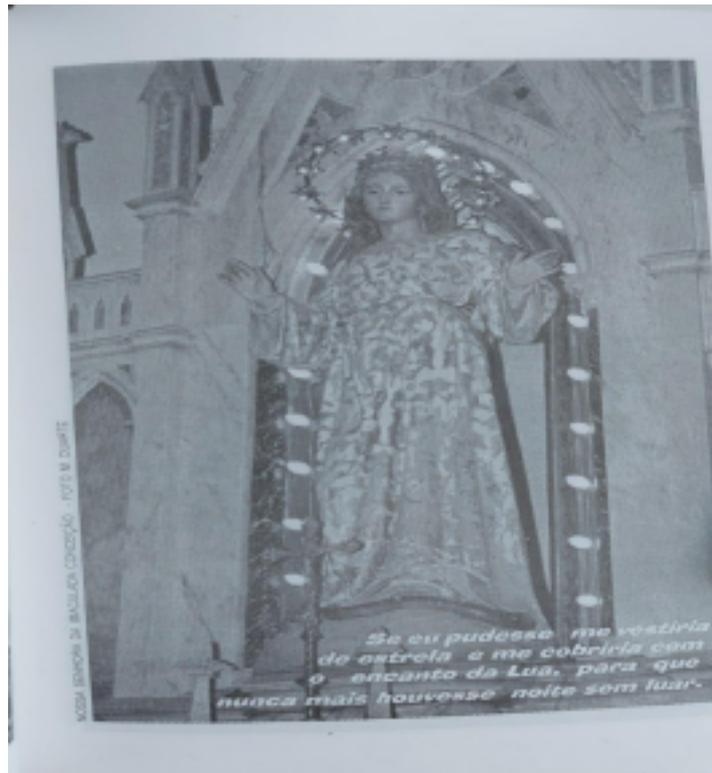


Figura 5: *Amor sem fronteiras*, p. 47

Essas duas análises exemplificam situações diferentes que estão presentes nas obras de Marilú Duarte: na primeira existe um jogo de complementação entre palavras e imagens, enquanto que no segundo parece que as duas linguagens precisam uma da outra para o jogo de significações ficar de fato completo. Outro fator que auxiliou na escolha desta segunda imagem é a outra característica muito presente na obra de Marilú, a religiosidade, que será tratada no capítulo seguinte. Desta forma, com esse levantamento teórico, criando correlações com outras pesquisas previamente realizadas sobre esta temática e com o material base para este estudo, exemplificou-se a presença da fotografia e a sua influência dentro da literatura da escritora Marilú Duarte.

2.3 Teopoética: a religiosidade presente nas obras de Marilú Duarte

Para dar início ao terceiro capítulo, introduzo duas citações, uma de Mario Quintana e outra de Marilú Duarte, assim como uma fotografia feita por ela mesma. Ambas manifestações são escolhidas por acolherem a temática presente no capítulo. Introduzindo com Quintana, que fez a presente colocação: "E eis que, tendo descansado no sétimo dia, os poetas continuaram a obra da Criação." (QUINTANA, 2005, p. 239). Enquanto agentes criadores, os poetas são aqueles que criam distintas obras, e Quintana correlaciona seu

pensamento com uma passagem bíblica referente à criação divina, construindo um elo entre a abordagem referente à criação presente na religiosidade e na criação feita pelos poetas através de sua literatura. O ponto a ser explorado neste capítulo dentro da bibliografia de Marilú Duarte é a forte característica religiosa presente em muitos de seus textos e fotografias.

Observa-se que no poema exposto a seguir, de Marilú, existe a referência às criações humanas perante Deus, também podendo ser interpretada enquanto a criação poética dos escritores. Já na imagem, temos uma das fotografias da Igreja Matriz da cidade, onde percebemos a construção humana contraposta pela natureza, ou podendo se ler como a criação divina emoldurando a casa de Deus, criada pelo homem:

Para os homens ...
 Você pode ser um herói - desconhecido,
 mas ... Para Deus, suas
 obras serão eternas e
 todos seus
 atos...
 reconhecidos. (DUARTE, 1995, p. 64).

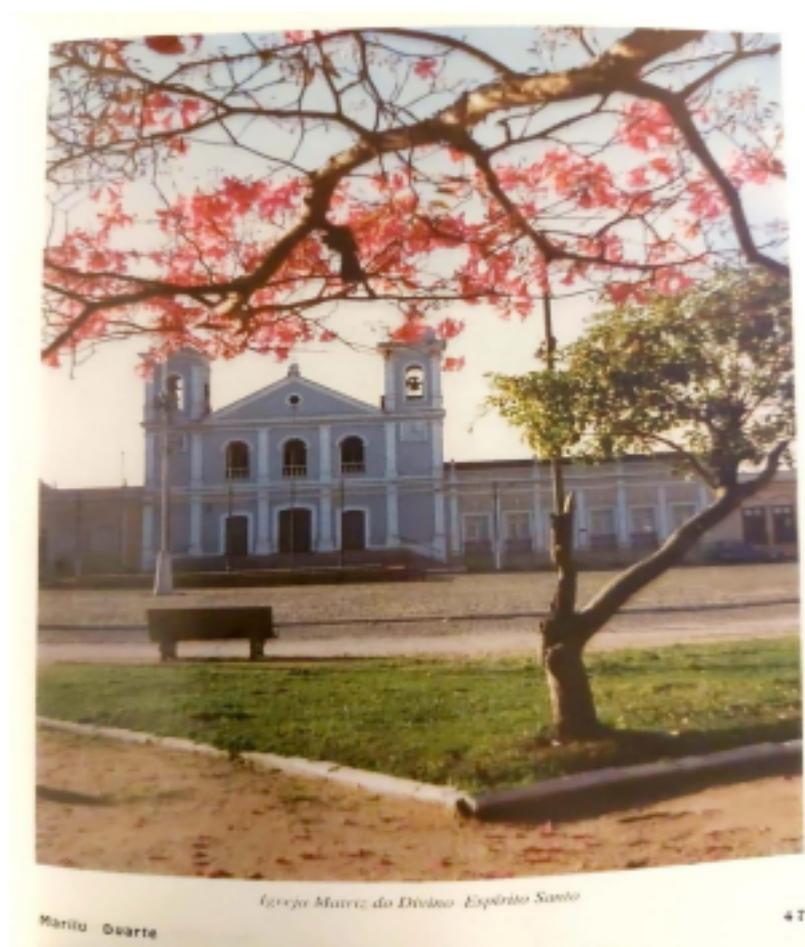


Figura 6: *Sem você...sou ninguém*, p. 47

Os textos de Marilú possuem uma energia, uma carga espiritual muito aguçada, pois há inúmeros textos mencionando as características, os dogmas, o mistério do viver. Além disso, muitos instigam esse lado humano do cuidado, do carinho, do amor ao próximo, sendo esta uma das premissas do Cristianismo. Por outro lado, existem textos com críticas sociais para a invisibilidade gerada pelas diferenças socioeconômicas. Há muitos poemas, crônicas e pensamentos em que a autora deixa transparecer o lado espiritual, o lado que pensa na vida pós-vida, essa filosofia de não estarmos a sós neste universo misterioso. Marilú traz uma filosofia sobre a vida e os princípios morais e éticos do ser humano, de modo que é uma leitura que atinge nosso íntimo com uma capacidade persuasiva e reflexiva, mas que também nos exprime essa essência, tal qual Marilú carregava, de ser e fazer o bem ao próximo sem olhar raça, gênero ou condição social, ou seja, a verdadeira caridade. Contudo, como esta é uma análise de sua literatura, irei me atentar apenas aos fatos escritos e não aos fatos vividos pela escritora. Há muitas referências à religiosidade ao longo de sua obra, e algumas dessas aqui serão exploradas para explicar essa que é uma de suas características. Observemos o seguinte poema contido no livro *Sem você... sou ninguém*, de 1998:

Que

Ao nascer de cada ano,
possamos recomeçar com a certeza de que
somos capazes de reconstruir,
novas metas e propostas.

Que possamos
nos dar as mãos, e com a harmonia
e musicalidade
de nossas emoções, cantarmos
um hino de louvor à vida,
tecer uma rede de esperança
para aqueles que desistiram de sonhar
construir um oceano de fé,
para quem não quer mais acreditar,
e uma montanha de amor
para quem esqueceu de amar. (DUARTE, 1998, p. 62).

No poema, temos referências explícitas à Igreja através de palavras totalmente associáveis ao catolicismo, como o próprio ato dos hinos, mas também dá para fazer pequenas analogias através dos jogos de palavras contidas no decorrer do texto. Há referências claras à musicalidade dos louvores, os hinos utilizados principalmente pela igreja Católica, uma nuvem de cuidado, de pensar no próximo que já está sem vontade, desistindo de sonhar ou, como possível leitura, desistindo de viver. Também pode realizar-se

a analogia no jogo de palavras “oceano de fé”, a fé que é um ato de devoção à religião, independente de qual seja e que geralmente é algo muito forte em quem verdadeiramente a possui, vasta como a imensidão do oceano. Analisando os dois elementos, temos a água, constituindo o oceano, sendo algo incolor, translúcido ao olho nu, mas densa. Assim como a fé, invisível aos olhos, mas muito potente, ou seja, dois elementos: um concreto e um dogmático com forças extremamente poderosas. Por sua vez também existe a referência ao elemento natural montanha, este é um elemento muito presente na Bíblia, a própria literatura sobre Moisés inclui inúmeras referências aos montes e montanhas, inclusive quando chamado por Deus esse é o ponto de encontro. A figura de Moisés foi chamada por Deus com a missão de liberar o povo hebreu da escravidão, ou seja, com o dever de trazer a liberdade, a paz àquelas pessoas que já estavam desesperançadas e provavelmente parando de acreditar, de sonhar.

Existem estudos acadêmicos na área literária que partem desta análise, que se ocupam desta relação entre literatura e teologia, chamados como teopoética, pois é de fato inegável a relação de existência harmônica entre fé, religião e literatura. Outras vezes, aqui neste trabalho, já foi mencionada a característica literária de possuir um subjetivismo mágico, em que as palavras trabalham com as emoções, com o íntimo, com o espiritual de seus leitores, independente de sua época. E por sua vez na teologia, na religiosidade, há uma presença poética muito forte, textos carregados de uma linguagem dogmática. Um dos primeiros nomes a executar uma sistematização de estudos entre ambas áreas foi o alemão Karl Josef Kuschel em seu livro *Os escritos e as escrituras: relatos teológicos literários*. Schmitz e Steffens explicam que:

A teopoética busca desde o primeiro passo dado pelos românticos na arte, essa crítica estético-literária a religião, e também uma crítica religiosa a estética, a arte. Mas só no século XX a teologia e a literatura começaram a aprofundar sua relação em alguns círculos acadêmicos. (SCHMITZ; STEFFENS, 2021, p. 499).

Se analisarmos a partir de uma linha cronológica literária, o livro mais vendido no mundo, sendo um dos mais antigos, é a própria Bíblia Sagrada. Este é de fato um livro sagrado de cunho religioso, contudo fazendo uma análise literária este não deixa de ser propriamente uma literatura. A Bíblia é constituída por vários gêneros literários, já que em seu interior encontramos mitos, sagas, poesias, cantos, relatos, cartas, legislações e etc. Curiosamente, um dos livros mais extensos dentro da Bíblia é o dos Salmos, que é feito todo em poesias, ou seja, este é um dos gêneros em destaque dentro da Bíblia. Ainda em seu trabalho, Schmitz e Steffens nos explicitam que:

O texto sagrado, escrito por mãos humanas, representa as mais variadas sensações, desejos, devaneios, inquietações da pessoa humana que busca no transcendente um

alento para as situações limites da vida cotidiana. É uma comunicação humana, a despeito de algo divino, ou divinizado dentro do coração humano. (SCHMITZ; STEFFENS, 2021, p. 501).

Observemos agora um dos poemas de Marilú presente no livro *Minha terra minha gente*, claramente com teor teológico, onde a escritora exprime esse sentimento de inquietação através do percurso vivido por Jesus enquanto esteve aqui na Terra em situação de encarnado. Este é o relato de uma existência que se mantém perpetuada através das palavras:

Ele foi... e sempre será!

Tendo Poder... suplicou.
Sendo Rei
vestiu-se como um mendigo
Sendo o Todo Poderoso
Não infringiu nenhum castigo.

Sendo desprezado, perdoou.
Sendo impiedosamente agredido,
soube entender..
sendo paz... foi apedrejado
Sendo Cristo, quis sofrer.

Sendo presença e fé... foi
chamado de impostor,
Sendo verdade...
mentiram ao seu respeito
Sendo amor
cravaram uma lança
em seu peito.

Sendo ele o Criador,
E o Filho do Universo,
colocaram-lhe uma coroa
de espinhos...
negando-se a seguirem
o seu caminho.

Sendo lei... foi ignorado,
Sendo perdão
foi condenado,
Sendo presente,
foi passado.

Sendo Ternura
o jogaram naquela sepultura,
Foi...
e sempre será,
a Fonte de energia e Luz,
e embora todos nós
o tenhamos pregado a
naquela Cruz,
continua sendo Pai, Filho
e único de Deus - Jesus! (DUARTE, 1994, p. 162).

Apesar de este ser um texto potencialmente sagrado em que Marilú utiliza seu

recurso poético para trazer a passagem de Jesus na Terra, ele não deixa de ser um texto comum. É mais uma das comunicações humanas estabelecidas através da poética, através da literatura, em que são trabalhados dogmas e conceitos morais e éticos do ser humano. São palavras comuns utilizadas para exprimir emoções, com essa magia religiosa e poética presente em textos sagrados. Um exemplo desta magia, ou reverberação literária, utilizando livros com narrativas fictícias, mas que fazem total referência à história bíblica, temos o escritor Clive Staples Lewis, mais conhecido como C. S. Lewis, um professor universitário, escritor, romancista, poeta, crítico literário, ensaísta e teólogo irlandês que se consagrou com suas obras fazendo “apologia” cristã, como, por exemplo, o conjunto de livros infanto-juvenis *As crônicas de Nárnia*. E assim podemos perceber, logo, que o texto bíblico não se dispõe apenas às críticas teológicas, assim como os textos literários não estão apenas para as críticas literárias, existindo uma relação e um hibridismo entre ambos. No que se refere ao efeito comum através das palavras, pode-se entender esse aspecto com o auxílio das palavras de Eli Brandão:

Quanto a sua configuração, seja qual for o texto, mesmo o que conta com algo de um universo sagrado, não deixa de ser um texto comum, um meio de comunicação entre homens, no qual o autor busca deixar suas impressões em um código destinável a ser decifrável por outros seres humanos, não havendo referência extra-humana nem do lado do emissor, nem do receptor, sem que o texto deixe de ser comunicação humana, a despeito de ser algo considerado divino. (BRANDÃO, 2005, p. 166 *apud* SCHMITZ; STEFFENS, 2021, p. 501-502).

O poeta possui uma sensibilidade, um olhar artístico, um olhar humanizado mais apurado em que, através das palavras, captura fotografias, como já visto, a fim de trazer, à luz do romantismo, sua alma com suas essências e mistérios. Segundo Carvalho (2001), no romantismo havia uma linguagem compartilhada por Deus e os homens, possibilitando uma comunhão com o universo, sem a necessidade de mediações, porém ocorreu uma ruptura entre a linguagem humana e a linguagem divina e assim a poesia teria surgido como elemento de restauração deste contato. Através de escritos deste tipo, ou seja, esses poemas de cunho mais religioso, encontrou-se uma chamada espiritualidade poética. Tal espiritualidade poética fica muito perceptível na bibliografia de Marilú, seja em sua obra escrita como em seus registros fotográficos, tanto em referências estritamente cristãs como em referências de cunho espiritual. Ainda em seu primeiro livro *Tente... crie e invente*, em que o teor é relatar as atividades teatrais desenvolvidas na escola, já possui um certo indício desta fé, quando em sua apresentação é desejado a Marilú “que Deus continue a te iluminar e que essa luz seja como uma estrela cadente sobre nós” (DUARTE, 1992 p. 2). A escritora já era vista como um ser, como uma pessoa, que iluminava aos que estivessem em seu

caminho através de seus feitos e de suas escritas.

Em seu livro *Eu... você e o Universo*, a escritora traz todo esse mistério, esse misticismo, que envolve a complexidade humana, desde a sua criação até as relações pessoais em páginas dispostas entre crônicas, poemas e reflexões. A carga espiritual nestas páginas é forte, pois a escritora, através de suas palavras, tenta traduzir os anseios que envolvem o ser humano. Logo ao início do livro, encontramos uma crônica intitulada “Mestre” contendo apenas duas páginas, como se observa em anexo (Anexo 1), em que Marilú traz a narrativa, a movimentação iniciada pela criação universal a partir de Deus e que logo é tomada pela modernidade, pelas criações humanas, assim tornando as intenções iniciais do Criador manchadas pela falta da moralidade. Fator que podemos perceber no trecho “plantou flores e colheu espinhos, pensou no poder e fez a guerra, pensou em ser grande, e sentiu-se pequeno ante sua espiritualidade, tão coisificada pela sua própria mesquinhez” (DUARTE, 1993, p. 51). Na análise desta crônica, podemos perceber que a autora traz a referência da criação inicial realizada por Deus, mas que, ao longo do desenvolvimento humano, foi sendo manchada pelas mazelas éticas e morais. Falhas que exemplificam a necessária evolução espiritual a partir das premissas do Cristianismo, desenvolvidas perante a visão da Doutrina Espírita. Assim, toca em perspectivas reais aos seres humanos, realidades que são desenvolvidas ao longo dos séculos, principalmente com os avanços e com as modernidades. Esse caráter da realidade, de trazer além do místico os acontecimentos reais, nas religiões pode e é muito bem representado através do gênero lírico. Ainda referente ao que é trazido por Marilú nesta crônica, essa realidade pode ser entendida com as palavras de Paulo Nogueira: “a religião, para ser relevante [...] tem que falar sobre as coisas reais, tem que ser um apelo às coisas concretas” (NOGUEIRA, 2015, p. 116).

Em muitas passagens reflexivas da autora, é possível encontrar esse suplício do eu lírico por auxílio divino, como, por exemplo, nos dois trechos a seguir, ambos contidos em sua obra *Brincando de faz de conta*:

Senhor ...
 Que possamos comemorar
 todos os dias de nossa vida,
 o fruto de nosso trabalho
 desinteressado e solidário,
 renovando diretamente os
 nossos projetos a favor de toda uma
 coletividade. (DUARTE, 1996, p. 52).

Dai-me senhor a cada dia que passa
 uma razão para combater
 minhas inseguranças...

um motivo para lutar contra as
minhas dúvidas...
e finalmente
a cada tropeço, inspira-me com tua coragem
a um novo recomeço. (DUARTE, 1996, p. 53).

Erik Schmitz e Fernando Steffens (2021, p. 506) em seu estudo fazem um comparativo entre a poesia e a oração, pois ambas necessitam de tempo e concentração para absorção total do seu interior. Os autores trazem que há escritos poéticos que não conseguem tocar-nos, não pela falta de qualidade do escritor, mas porque aquela poesia não foi feita para nossa alma ou, talvez, ela ainda não esteja preparada para assimilá-la

Já os versos que nos verdadeiramente tocam são instantaneamente gravados em nós, tornando-se nosso oxigênio literário. E no caso da oração, há dias em que conseguimos estabelecer a conexão, porém há outros em que não conseguimos estabelecer. E assim os autores trazem o ideal de que “só há uma forma de rezar: dispondo de tempo para tal. Só há um jeito de tornar a alma poética: lendo os poetas e descobrindo quais têm alma semelhante à nossa alma, quais os que dialogam conosco [...]” (SCHMITZ; STEFFENS, 2021, p. 506).

A imagem a seguir são as páginas de uma de suas obras, sendo a composição entre o poema e a fotografia, presente no livro *Sem você... sou ninguém*. Essa combinação de linguagens existente na obra de Marilú, explorada no capítulo anterior, neste exemplo nitidamente realça essa poeticidade religiosa.



Figura 7: *Sem você... sou ninguém*, p. 52-53

Na página à esquerda, pode ser observado o poema intitulado “Senhor”, onde a busca do eu lírico é enfrentar as mazelas, as falhas éticas e morais dos seres que convivem. De forma que nenhuma dessas manchas possa infiltrar, farpar negativamente a alma deste eu lírico, que deseja retribuir o negativo com amor e caridade. O eu lírico que busca ver nas dificuldades as oportunidades de progresso e de amor ao próximo indistintamente. As palavras de Marilú neste poema aproximam-se muito dos ensinamentos pregados na filosofia Espírita, codificada por Allan Kardec, que todavia partem das premissas cristãs. Ao lado, a autora deixou à disposição um de seus registros fotográficos da cidade, uma foto da Igreja da Santa Casa de Caridade, capturada da perspectiva do interior da praça, onde a natureza mais uma vez emoldura a construção. O verde vívido da vegetação com o vermelho das flores parece gerar um sentimento de esperança e tranquilidade, onde se torna quase impossível não escutar o canto dos pássaros através da imagem. Ou seja, elementos naturais que aproximam o ser humano a Deus e suas criações divinas. É um movimento totalmente espiritual realizar a leitura desta codificação verbal e semiótica, ou seja, é impossível rezar apenas com o dogma, realizar os rituais de forma que o interior esteja vazio, sem haver uma poesia. Outra curiosidade é que ao redor desta praça também se

encontra um Centro Espírita André Luiz, utilizado pela comunidade para a realização de encontros, estudos e palestras.

Assim, com Erik Schmitz e Fernando Steffens (2021, p. 508), podemos perceber a relação entre a poesia ser algo orante e a espiritualidade ser algo poético. Essa estreita relação entre poesia e espiritualidade por eles afirmada é o que lemos nas obras de Marilú Duarte, onde encontramos tais características vivas e ardentes em suas páginas. Os autores salientam que:

A poesia reconcilia as coisas, algo próprio da espiritualidade. A poesia toca o mistério da vida, pelo que a espiritualidade também anseia. A poesia eleva o ser, não diferente daquilo que a espiritualidade faz. A poesia quanto mais simples mais profunda, por sua vez, a espiritualidade se torna mais nobre quanto mais simples. Não o excesso de palavras, não um dicionário aguçado, não os florilégios desconexos, não prolixidades e devaneios, não excentricidades desencarnadas. Tanto espiritualidade quanto poesia se unem nos seus paradoxos: dizem e calam, criam mundos e vazios, velam, desvelam e revelam. São primárias e necessárias à vida. (SCHMITZ; STEFFENS, 2021, p. 509).

Em seu Fotolivro publicado em 1997, *Amor sem fronteiras*, já trabalhado aqui, onde a autora faz a exposição das fotografias de locais da cidade relacionadas a poemas, tem como capa a imagem a seguir:

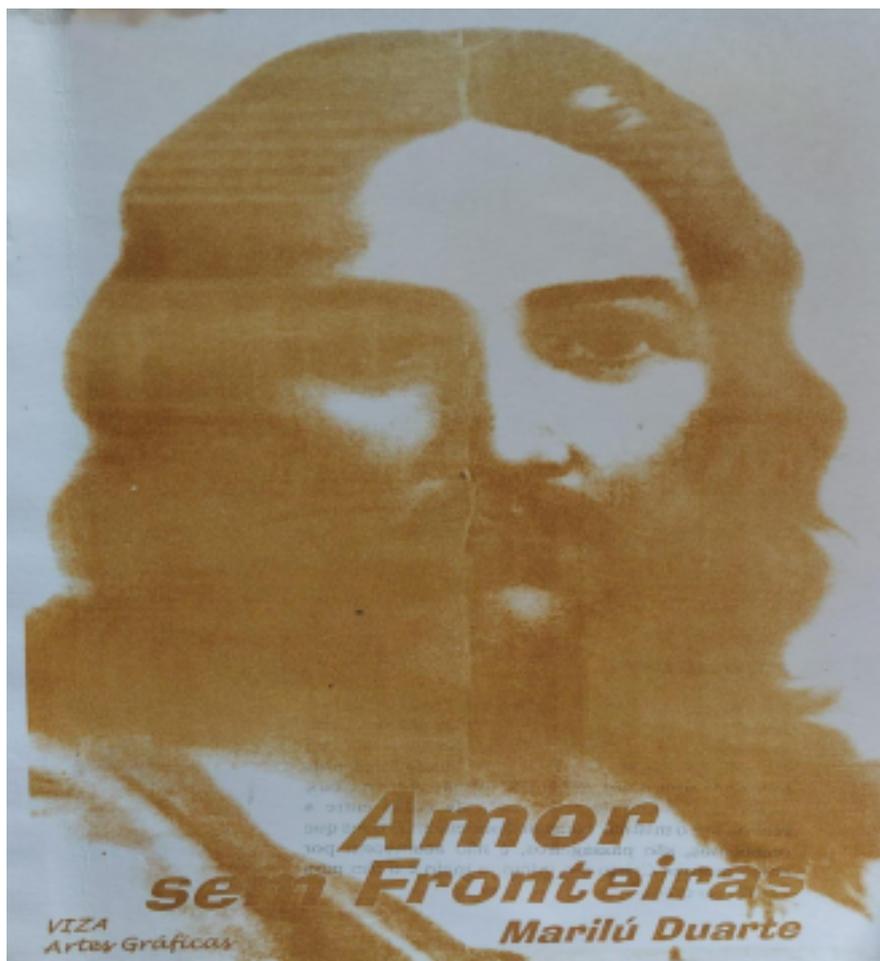


Figura 8: *Amor sem Fronteiras*, capa

A escolha da capa é justificada pela escritora:

Escolhi para a Capa deste livro a “Santa Face de Jesus”, que foi fotografada em 1982, por um casal americano, que visitava a Terra Santa, porque eu entendo que é dele que emana toda nossa força, pois todos nós somos um veículo de ligação entre o Céu e a Terra, e acima de tudo o elo de união entre a realidade e o misticismo. Nada nos pertence. Os dons que recebemos, são passageiros, e não acontecem por acaso, porque Cristo é o início, o meio e o fim para onde tudo converge. (DUARTE, 1997, p. 2).

Curiosamente, uma de suas obras que mais possui reflexões de cunho religioso e espiritualista foi denominada como *Tudo por amor*. Nessa obra, Marilú traz diversas reflexões sobre os anseios e desejos humanos através do suplício do eu lírico ao senhor, a esta representação superior e norteadora. Porém, ressalta essa premissa do amor como ponto de partida e caridade. Como, por exemplo, nos versos: “Ouça / minha súplica: ajude-me a / Ser... crescer e entender / o real sentido / de existir” (DUARTE, 1995, p. 72); e “É impossível negar / que em cada / gesto de bondade, há todo um simbolismo / da presença / divina” (DUARTE, 1995, p. 81); e também “O amor deve ser a nossa bandeira / A verdade os nossos clarins / o idealismo o nosso / escudo e a / Fé o nosso grito de / Vitória”

(DUARTE, 1995, p 95); e ainda “Ilumine os caminhos e / seja luz... / Para aqueles que persistem / em viver nas trevas” (DUARTE, 1995, p. 103). Além destes muitos exemplos, a própria obra logo em seu início possui um poema disposto em quatro páginas em que a autora faz diretamente uma verdadeira oração agradecendo a Deus (Anexo 2).

Depois de todos esses registros, torna-se difícil não afirmar ser a religiosidade uma das características presentes na bibliografia de Marilú Duarte. Este subcapítulo encerra com a capa de outro livro e que dá indícios da próxima temática que trataremos. Na capa, temos a exemplificação do amor puro presente na criança, o amor sendo uma das premissas do cristianismo e o vermelho da paixão, a paixão de Cristo.

Permita que a
criança
que ainda existe em você, o
faça um Adulto
Feliz. (DUARTE, 1995, p. 80).

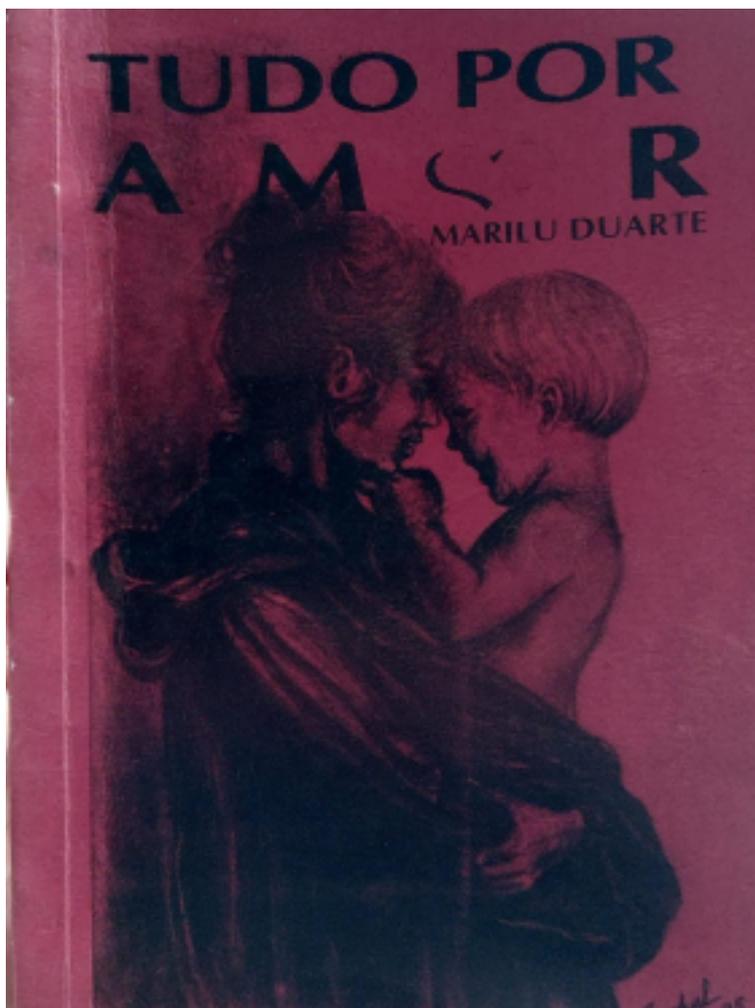


Figura 9: *Tudo por amor*, capa

2.4 Da aprendizagem à representatividade: o papel da criança na literatura de Marilú Duarte

O último ponto de análise, para este trabalho, é a presença do mundo infantil na bibliografia de Marilú Duarte, pois esta é uma das características presentes em algumas de suas obras. Há livros de Marilú que não são em sua totalidade destinados ao público infantil ou juvenil, porém esse é um aspecto presente em praticamente toda sua bibliografia através da utilização de recortes e referências a histórias deste mundo mágico. Ao perpassar por sua bibliografia, podemos perceber algo a mais relacionado a este mundo. Marilú deixa transparecer em sua obra seu comprometimento, seu cuidado e carinho pelas crianças, jovens e adolescentes. Ao longo de sua vida, esteve muito presente em momentos e atividades sociais direcionadas ao público infantil, tendo sempre esse cuidado pelas novas gerações, como dito por sua filha em conversa que tivemos. Sempre esteve ativa em redes escolares, trabalhando de forma didática, desenvolvendo atividades em prol das creches do município, da APAE, inclusive destinando a verba de seus livros para estas organizações e entidades.

Logo, tal comprometimento é refletido em suas obras, de forma intensa e significativa, pois dialogam com outras características que aqui foram apresentadas, principalmente a religiosidade e os pensamentos que giram acerca do universo e que acabaram tornando-se referências dentro de seus escritos. Poderíamos até pensar que a escritora teria escrito fábulas, contos, textos de cunho mais infantil, mais lúdico, porém, por incrível que pareça, a verdade é que não. Marilú não publicou em seus livros contos ficcionais do mundo mágico infantil do “era uma vez”, mas sim deu destaque para a representação, trouxe a representatividade, ao papel da criança e do jovem na sociedade em que vivia. Fez analogias, exaltações e críticas aos moldes com os quais a sociedade caracterizou aqueles que possuem poucos números na idade, mas que Marilú tentava enfatizar a grandiosidade presente em cada jovem que seria o futuro. Instigou o seu possível público leitor ao questionamento de como a sociedade se relaciona e pensa a infância, representando muitas das situações que insistem em acontecer no nosso dia a dia, mas que a cegueira urbana não nos permite muitas das vezes perceber. Essa atenção pode ser embasada

em como Marco Freitas (2016) vê refletida a história social da criança, existindo para ele a imagem socialmente cristalizada da infância. E, ainda corrobora com Juliana Freitas (2021), que destaca a importância de sinalizar que “as imagens da infância são, em alguns casos, estranhas às próprias crianças, se torna indispensável refletir sobre a maneira como a sociedade conhece e se relaciona com a infância” (FREITAS, 2021, p. 67-68).

2.4.1 Contexto educacional didático de sua obra

A primeira obra publicada por Marilú Duarte, *Tente... crie e invente*, foi totalmente inspirada pela infância e destinada ao âmbito educacional, podendo servir como exemplo para outros profissionais da educação. A própria ilustração da capa já remete ao leitor este mundo mágico e infinito de possibilidades criado para as crianças poderem dar asas à imaginação e assim expressar-se. Observa-se a imagem a seguir.



Figura 10: *Amor sem fronteiras*, capa

Essa obra demonstra a importância de pensar a criança e o jovem em várias camadas

possíveis. Primeiro, é importante salientar que este livro foi escrito para poder dialogar sobre as atividades desenvolvidas na escola Nelson Wortmann, atividades que posteriormente expandiram-se para fora do ambiente escolar. A história começou quando Marilú foi convidada a fazer parte do corpo Administrativo da escola. Após o convite, ela criou uma nova disciplina que pudesse corroborar com as demais e ainda pudesse ampliar as aprendizagens dos jovens. A disciplina foi denominada como Oficina Livre, e Marilú explica que:

Poderíamos ainda, comparar a Oficina Livre a um laboratório, que sem fórmulas mágicas, pioneiras ou sobrenaturais ousa criar para cada tipo de personalidade uma expressão sistemática e convidativa para vivermos melhor, adaptando o aluno ao seu meio sem que tenha de sofrer as castrações tão comuns nos tempos atuais ou as imposições, que tentando forjar mudanças comportamentais limitam sua criatividade e os tornam impotente diante do conhecimento. A Oficina Livre, muito pelo contrário tenta orientar o educando, oportunizando-o aprender a conviver com suas limitações, sem desestimular, tornando-o imbatível, forte, perspicaz e inovador. Levando em consideração que todos nós possuímos, dons diversos e não descobertos, o aluno através das experiências vivenciadas na Oficina Livre, vai em busca de seu espaço e de sua real potencialidade. Na troca de experiências, o aluno é motivado a criar e recriar, a aprender e reaprender, a pensar e analisar determinadas situações em diversos ângulos, descobrindo-se por inteiro, através da auto-análise e auto-crítica. Direcionando o aluno para um ponto de convergência que possibilite o Encontro com o seu **EU verdadeiro** [...]. (DUARTE, 1992, p. 9).

O mais significativo nesta disciplina, aliás uma das muitas características importantes, era sinalizar aos alunos que era mais relevante ser do que ter, e ainda ser um alguém participativo, ativo e criativo no mundo onde vive. Os alunos eram totalmente livres para fazer ou não as atividades, pois elas na verdade não faziam parte do “quadro avaliativo”, mas foi justamente com o caráter de liberdade e livre expressão que os alunos, para surpresa, tiveram total adesão à disciplina, reivindicando inclusive o aumento da sua carga horária. Percebe-se que, lá no ano de 1992, Marilú já possuía esse olhar aguçado para as práticas de ensino que visionava o desenvolvimento da criança e do jovem, pois a escritora sempre reconheceu que “o adulto não acatava a ideia dos jovens, ao ponto de subestimá-los, ignorando todo o seu potencial e suas qualidades” (DUARTE, 1992, p. 11). Com o sucesso, a disciplina e as atividades expandiram-se sem restrição de faixa etária, e a Oficina Livre de fato oportunizou às crianças e adolescentes o superar de barreiras, questionando e criando situações para a construção de distintos diálogos importantes para o desenvolvimento da maturidade.

Este livro, em sua primeira parte composto pela explicação acerca da disciplina, permite ao leitor uma reflexão sobre a imagem que possui sobre a criança, assim como a reflexão de alguns métodos educacionais. Em sua segunda parte, o livro possui, como

poderíamos chamar na atualidade, alguns planos de aula que sistematizam as atividades com seus objetivos gerais e específicos, as técnicas utilizadas, os recursos e as possibilidades. O livro se torna quase que um manual, um referencial teórico para professores e agentes que queiram desenvolver atividades voltadas para os jovens, com um viés da arte e das expressões. A escritora traz de forma detalhada várias atividades que desenvolveu junto à escola e ao grupo de crianças. São jogos e atividades desenvolvidas de forma individual e coletiva, fazendo uso do lúdico. Para finalizar, insere algumas fotos das peças teatrais desenvolvidas com as crianças que, logo, expandiram-se para apresentações realizadas no teatro da cidade, o imponente Teatro Esperança, e em Rio Branco, município do país vizinho, Uruguai. É aí que entra outra camada artística neste projeto: o teatro; em um primeiro momento, podemos pensar que a literatura está no ato da escritora ter transformado as atividades em um livro para maior exposição, mas a literatura sempre esteve presente nas atividades através de leituras e através do teatro.

Marilú escreveu e organizou peças teatrais, tanto para as crianças atuarem em seus grupos e projetos, como também organizou peças teatrais de fantoches para apresentar às crianças. Esses projetos artísticos não ficaram apenas nos muros escolares, pois foram expandidos para outros grupos de jovens denominados como Jujuca, Juca e Jupim, que realizavam apresentações na cidade de Jaguarão e fora dela. Em seu livro *Brincando de fazer de conta*, a pedido de professoras dos municípios de Arroio Grande e Capão do Leão, que queriam ter para consulta peças teatrais e atividades para desenvolver artes cênicas e o desenvolvimento de seus alunos, a escritora publicou algumas de suas peças teatrais. Marilú Duarte pensava, organizava, escrevia e produzia as peças teatrais junto às crianças e adolescentes. Neste livro, há dois capítulos destinados ao teatro: “Peças para Teatrinho de Fantoche” e “Peças para Teatro Infantil”. As apresentações com fantoches foram apresentadas em mais de 20 escolas do município e região. Enquanto que no capítulo destinado às peças teatrais, temos quatro peças escritas por Marilú intituladas: “Uma lição de amor no mundo da fantasia”, “A bruxinha que queria ser amada”, “Mamãe nota 10” e “O homenzinho estranho”, algumas destas foram apresentadas em Jaguarão e Rio Branco. Todas possuem os personagens com suas devidas distinções, os atos e as cenas, com histórias de cunho um tanto quanto lúdico, mas sempre com uma significação maior para o desenvolvimento das crianças.

Percebe-se assim o trabalho com a literatura sendo desenvolvido junto aos jovens, que precisam fazer as leituras e os estudos das peças para poderem encenar, não tendo a carga de obrigação leitora apenas por ler, mas sim a leitura como uma das engrenagens para

desenvolver o trabalho como um todo. Trabalho que demandava esforço, comprometimento e responsabilidade de todos os jovens envolvidos e que faziam por puro prazer. Esses roteiros não deixavam de ser uma literatura infantil, produzidas por Marilú, transformadas pelas crianças e ainda resignificadas pelo público que assistia. Neste caso, podemos pensar neste movimento e na literatura infantil e seu caráter de representar a arte, como Coutinho salienta:

A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social. (COUTINHO, 1978, p. 9).

Um fato é indispensável e que se resume nas palavras de Abramovich: “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas, histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo...” (ABRAMOVICH, 1991, p. 16). Com as atividades cênicas e até mesmo as de fantoche, Marilú mexeu com várias camadas que vão desde o escutar, pelo público infantil, à competência leitora, até a oratória, tudo através da criação de mecanismos de confiança e de liberdade para os jovens. Esse trabalho preparava e auxiliava processos de autoconfiança e autoestima, formando agentes produtores e criativos. Essa capacidade de suscitar nos alunos esse desejo através das leituras pode ser entendido nas palavras de Solé: “[...] não devemos esquecer que o interesse também se cria, se suscita e se educa e que, em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura [...]” (SOLÉ, 1998, p. 43). A própria escritora justifica: “percebi que através do Teatro, ou do Teatro de Fantoche, que a personalidade da criança, ou do jovem se solidifica, vários questionamentos são inseridos em nosso universo interior, e muitas lições de vida, são automaticamente impressas no subconsciente” (DUARTE, 1996, p. 15).

2.4.2 A representação da criança e do jovem em seus textos

Caminhando de volta para dentro da literatura, isto é, agora, para dentro dos textos escritos por Marilú, diversas vezes podemos ver a escritora representando a criança e o jovem em sua produção. Ainda no mesmo livro *Brincando de faz de conta*, nome já sugestivo *per se*, temos na grande maioria dos textos referências à juventude e a gradual perda deste espírito por nós “adultos”. A escritora faz uma crítica ao olhar “adulto” sobre o

mundo, um dos indícios que tornou a sociedade moderna e contemporânea mais fria e menos mágica. Esse passar de tempo com a contínua perda dos desejos e sonhos infantis pode ser observado no seguinte poema, em que mostra o crescimento do eu lírico, com as estações do ano representando as fases da vida. No poema, podemos ver as analogias feitas para representar as angústias, os medos, as desconfianças, os sonhos, as percepções e a perda das mesmas com o avançar da idade, até chegar no momento em que nenhum de nós consegue perceber, que é o abandono da nossa criança interior congelada pelo mundo externo e moderno:

O tempo sem tempo...

Na primavera da vida... cresci com um
sorriso de esperança...
chegou o outono e eu ainda criança
passei a ter medo do desconhecido.
Já no verão de meus sonhos
muitas ilusões floriram...
e embora o vento da indiferença
castigasse as pétalas da minha ternura,
consegui manter por longo tempo
o entusiasmo
e a confiança em todas as criaturas.

O tempo foi passando...
passando também foi a minha estação
mais florida.
E foi então que chegou o inverno...
e a geada do desamor
desabilitou minha vida...
com o passar do tempo... meu sorriso apagou
os meus sonhos foram sendo esquecidos
e o próprio tempo... ficou sem tempo
para aquecer minhas ilusões
e toda minha fantasia
Deixei o tempo passar... os anos correr...
e por medo e covardia
deixei também o meu mundo envelhecer.
cansada de lutar... desanimada...
e inconformada com toda minha trajetória
abandonei minha criança interior...
ignorei o adolecete que em mim
ainda gritava...
e o adulto
que de forma tão aleatória
eu impiedosamente - hoje crucificava. (DUARTE, 1996, p. 19).

Outros versos em que podemos perceber a forte crítica da autora sobre a sociedade e a invisibilidade que a mesma produz diante das diferenças sociais e econômicas é o poema intitulado “Menino de Rua”. Neste poema, Marilú traz a imagem da criança que é separada de seus direitos básicos enquanto ser humano, mas consegue trazer com uma voz poética que tenta quiçá amenizar o olhar que esta criança pode ter do mundo, um olhar de ressignificação, um olhar de poeta. A criança está sendo observada por um eu lírico

relativamente privilegiado que leva um choque ao enxergar tal cena acontecendo, indagando-se sobre seus próprios comportamentos diante da vida, autoquestionamentos que envolvem os princípios da Doutrina Espírita, voltando à religiosidade, pois muito provavelmente o eu lírico reclama de uma vida da qual outro gostaria de estar vivendo. E ainda abre os olhos para as indiferenças que as próprias pessoas sentem e se tratam dentro da sociedade, mesmo que por crianças tão inocentes. Este poema é extenso, ocupando quatro páginas, mas a parte exposta a seguir se torna suficiente para expressar tais características:

Durante toda minha vida,
lamentei o que me acontecia.
Sempre eu era alguém que tinha
a menor possibilidade de sucesso
em qualquer tentativa, e por isso
mesmo muito pouco eu tentava,
fato esse que me tornava predisposto
a qualquer vicissitude e infortúnio.

Um dia qualquer saí a rua,
entediado com tudo que
me rodeava, e encontrei alguém
colhendo no lixo o seu alimento.

Qual foi a minha surpresa...
era uma criança.
Fiquei a observá-la de
longe... uma figura desbotada,
de vestes maltrapilhas, e olhar
perdido no vazio do “lixo do luxo”
de uma grande metrópole.

Pensei comigo:
Que mundo tão desumano!
Aonde estão os políticos que
durante as épocas de campanha
fazem tantas promessas?

Onde se esconde o
sagrado direito da Criança?
Que diferença havia daquela
criança para um cãozinho vira-lata?

Observei o menino, esfregando o
dorso da mão em sua boca, na
tentativa de limpá-la sentou-se sob
o abrigo improvisado por ele coberto
de papelões. Percebi que aquela era
a sua casa... o lar que conhecia.

Pensei... como poderia
ele acostumar-se ao lixo
ao abandono ... ao desleixo,
ao vazio e a desesperança?

De certa forma, mesmo,
parecendo ironia, toda aquela
miséria o aproximava muito do

Universo... Talvez um poeta ao
 descrevê-lo, relataria a sua
 intimidade com o céu e a aventura
 de possuir um teto coberto de
 estrelas. Diria talvez que a Lua
 independente daquele recanto
 pestilento e escuro iluminava seu

pequeno mundo, tornando-o mais real.

Senti vergonha de mim
 mesma, da mediocridade
 de meus lamentos, e de
 toda minha insensibilidade
 perante a vida.

Senti vontade de gritar... dizer aos
 outros que despertassem de sua
 indiferença, que tentassem pelo
 menos encontrar uma solução,
 para tantos e tantos
 Meninos de Rua.

[...] (DUARTE, 1996, p. 29-30).

Há uma outra seção deste livro em que a escritora faz textos unicamente direcionados às meninas que estão prestes a debutar, ou seja, prestes a passar pela simbologia criada socialmente no mundo feminino, de seu aniversário. Passando a ter a idade de transição entre a criança e a jovem adulta, que pode variar de acordo com a cultura. Marilú em vários dos textos produz leves críticas à visão do feminino perante a sociedade, a visão produzida perante o amadurecimento das meninas, tornando-as prontas para a “sociedade”, sendo essa a idealização imposta socialmente. Mas também traz textos dirigidos unicamente a essas meninas, para que se sintam tocadas e não percam suas essências, sendo assim acolhidas e confortadas por essas palavras. Como, por exemplo, no texto a seguir:

Onde houver o egoísmo e a indiferença, leva tua solidariedade e a vontade de servir. Onde houver a lágrima leva o teu sorriso. Você pode ser luz, porque a sua luz interior e vontade de ser presença na ausência de tantos, iluminará os caminhos mais escuros e fará brilhar o sol, mesmo em um dia tristonho. Observa o rio, suas águas são motivo de medo e de alegria. Assim é a vida, nós fazemos o motivo, porque a opção é nossa. Que no barco da vida possa velejar com segurança, vencendo as tempestades e desafiando situações sempre com confiança e muita fé. Você ainda é mais grandiosa do que imagina, e poderá ser muito mais do que já é. Sua alma é o templo divino que abriga um sem fim de emoções. Lembre sempre que o seu valor será medido pelo bem que realiza, e jamais pelas medalhas e troféus conquistados. Boa sorte Menina Moça. Felicidades mil moça menina. A vida lá fora te espera. Conquista teu espaço pois o mundo te pertence. (DUARTE, 1996, p. 65).

Ainda em outro livro, a escritora traz inúmeras referências a este mundo do faz de

conta, contudo as referências estão contidas na parte introdutória do livro, onde a autora apresenta as justificativas e apresentação do conteúdo presente no livro. Nesse momento, Marilú faz uma contextualização do seu próprio “eu”, seus desejos, utopias e percepções deste grande espaço chamado por ela de universo, em que acaba ressaltando a importância das leituras infantis que, de alguma forma, marcaram sua vida. A autora utiliza as tradicionais histórias dos contos de fadas para questionar certas posições, como, por exemplo, quando fala que “às vezes ao lembrar da história da Chapéuzinho Vermelho, me pergunto por que será que o tempo passou e a cor do chapéu da menina não modificou? Afinal poderia ser amarelo, azul, branco ou quem sabe da cor da imaginação de cada um.” (DUARTE, 1997, p. 7). Pois afinal as histórias infantis são carregadas de significações, como salienta Freitas: “além de aproximar os leitores dos diversos contextos nos quais as infâncias podem ser vivenciadas, livros infantis, assim como os contos de fadas, também apresentam diversos conflitos existenciais” (FREITAS, 2021, p. 70).

Ao longo dos parágrafos introdutórios, Marilú vai construindo relações entre sua vida particular e reflexões somadas a analogias com as famosas histórias dos contos de fadas. Mais ao final a autora escreve com relação a Gata Borralheira, dizendo que:

É incrível como a imagem da Gata Borralheira, acompanhou toda a minha trajetória, talvez, porque tenha ficado intimamente marcado em minha memória, os desencantos, as humilhações, as privações e um rosário inteiro de decepções, ditados por tantos preconceitos da época, onde o poder, a tradição e outras determinantes eram o que mais importava. (DUARTE, 1997, p. 9).

É incontestável a presença da criança e do adolescente no decorrer de sua obra, talvez não como se imagine em um primeiro momento, com contos e histórias de faz de conta. Diferentemente, a autora consegue trazer em seus escritos o papel da criança e do adolescente como uma das grandes engrenagens do mundo ideal, os agentes sociais mais importantes dentro da sociedade, pois são o princípio da existência antes de tudo e a engrenagem de continuação e evolução social. A escritora, além de dar atenção à evolução dos jovens, preocupa-se com a perda desta identidade pelo adulto. Assim, além de produzir para as crianças, produz para os adultos sobre as crianças, o que torna esse um dos pilares dentro de sua bibliografia: a criança, o adolescente, os jovens.

Afinal, a possível tentativa de Marilú de fazer o ser humano resgatar velhas percepções, inocências e conceitos de sua criança interna pode ser representada nas palavras de Freitas, quando salienta que:

[...] além de apresentar ao leitor as inúmeras possibilidades do ser criança no mundo, a literatura infantil, também pode representar para o leitor adulto um espaço de encontro/ descoberta de si. O conteúdo e a forma das obras infantis podem suscitar no leitor lembranças da sua infância ou, ainda, apresentar elementos a partir dos quais o adulto signifique suas experiências. (FREITAS,

2021, p. 72).

Quiçá esse retorno poderia gerar menos frieza, menos medos, menos competições, menos guerras e mais união entre as pessoas da sociedade, aquela mesma união das almas infantis que não veem raça, cor, gênero ou distinção social na hora de fazer amizades e construir, idealizar histórias e compartilhar sonhos. Essa visão promovida por Marilú vai ao encontro das ideias de Octavio Paz, escritor mexicano, em seu texto intitulado “La búsqueda del presente”, utilizado como discurso de agradecimento ao Prêmio Nobel recebido em 1990. O escritor dialoga e levanta essa problematização do adulto perder pouco a pouco esse olhar lúdico e mágico do mundo infantil. No caso dele, agravado por sua percepção após ver fotos da guerra, trazendo a reflexão do chamado tempo presente em contraponto ao tempo do passado infantil, em que tudo se tornava mágico, inclusive as coisas mais simples, mas que virou apenas o tempo fictício para o “eu” adulto. Percebe-se neste trecho:

Desde entonces el tiempo comenzó a fracturarse más y más. Y el espacio, los espacios. La experiencia se repitió una y otra vez. Una noticia cualquiera, una frase anodina, el titular de un diario, una canción de moda: pruebas de la existencia del mundo de afuera y revelaciones de mi irrealidad. Sentí que el mundo se escindía: yo no estaba en el presente. Mi ahora se disgregó: el verdadero tiempo estaba en otra parte. Mi tiempo, el tiempo del jardín, la higuera, los juegos con los amigos, el sopor bajo el sol de las tres de la tarde entre las yerbas, el higo entreabierto -negro y rojizo como un ascua pero un ascua dulce y fresca- era un tiempo ficticio. A pesar del testimonio de mis sentidos, el tiempo de allá, el de los otros, era el verdadero, el tiempo del presente real. Acepté lo inaceptable: fui adulto. Así comenzó mi expulsión del presente. (PAZ, 1990, p. 6).

E, para todos aqueles que já não possuem pouca idade, mas que puderam compreender um pouco sobre o universo e nutrem ainda sua criança interior, permanece o recado deixado por Marilú Duarte:

Jovem...
 é aquele que possui um sonho a
 realizar,
 uma tarefa a concluir...
 um sorriso a oferecer...
 e um Universo de amor
 para ofertar. (DUARTE, 1996, p. 50).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado ainda na introdução deste trabalho, a literatura tem uma ampla área que dá margem para muitos estudos e pesquisas. No decorrer do curso, percebi afinidade com muitas delas. Tive, assim, muitas possibilidades de temáticas para a elaboração deste trabalho de conclusão, mas sempre senti não estar verdadeiramente próxima a algo que me deixasse de fato realizada e satisfeita em escrever. O meu desejo sempre foi complexo, pois desde o início da graduação tive vontade de elaborar algo com ênfase na literatura, mas que conversasse com outras áreas e manifestações artísticas, outras linguagens, mas não apenas esse fato, também um trabalho que ao final eu tivesse a certeza que serviria para agregar academicamente para meu processo formativo; contribuir de alguma forma com a academia, com a UNIPAMPA - Campus Jaguarão, sendo essa a instituição base para minha formação. Porém, acima de tudo, produzir um trabalho significativo para a minha cidade, um trabalho que valorizasse e agregasse no que diz respeito às questões culturais, dando voz e representatividade. Assim eu estava na constante busca de um corpus para análise, mas sem muito êxito, pois sempre parecia faltar um dos aspectos. Como eu acredito que nada é por acaso, assim como a escritora pensava, Marilú Duarte e suas obras surgiram em minha vida trazendo a clareza de que eu havia de fato encontrado meu corpus de estudo.

Na leitura de suas obras, pude perceber sua grandiosidade refletida em sua obra, que acusa as universalidades da vida de forma quase que filosófica, diria que sua literatura é sua própria filosofia, pois, assim como a linguagem é natural aos seres humanos, a literatura era natural para Marilú. Mas, para além disso, me senti quase que próxima a essa escritora, mesmo sem tê-la conhecido pessoalmente, e vi nela e em sua bibliografia não apenas um trabalho perfeito, mas sim uma verdadeira necessidade de fazê-lo por sua densa carga de significações e importâncias para mim, para a academia, para a cidade e para a própria Marilú.

Primeiramente me senti contemplada em dar voz a uma escritora jaguareense, isto é, servir de ponte para agregar o seu trabalho dentro do âmbito acadêmico de sua cidade natal, mas acima de tudo me senti completa ao poder trazer a voz de uma mulher, entendendo toda a importância de sua representatividade. Essa mulher foi filha, mãe, avó, esposa, mas também foi uma mulher extremamente interessada no meio acadêmico, sempre buscando por seus estudos, presente também em áreas pedagógicas da cidade. Foi atuante no meio social da cidade, exercendo muitas funções e tendo inclusive papel de pioneira, enquanto representação feminina, em muitas destas atividades em um momento em que a mulher sequer poderia ser vista desempenhando com total capacidade tais funções. Ao ler a sua obra, é possível identificar uma mulher completamente apaixonada pelo próximo, doando-se à caridade, fazendo o bem pelo bem, participando sempre de causas e atividades para o desenvolvimento do bem social da comunidade na qual nasceu. Uma mulher que queria e de fato conseguiu dar voz a sua cidade, mostrando todas suas potencialidades e belezas por aí afora, mas que também foi uma mulher que representou e destacou a importância da união entre a fronteira, produzindo literatura em ambas as línguas. Mulher produtora artística e cultural fazendo, através de sua literatura, críticas, mas também valorizações.

Enfim, sua produção reflete um ser humano de muitas funções onde, em todas, conseguiu expor sua voz e representar muitas outras pessoas, muitas outras meninas. Marilú, acima de tudo, foi esta mulher. Mulher que fez eu me sentir representada dentro da literatura, dentro dos espaços jaguareenses e que, com certeza, enquanto houver quem leve sua literatura adiante, será essa voz que inspira e representa muitas outras meninas e mulheres da cidade, mostrando que podemos fazer e estar onde quisermos, inclusive na literatura. Marilú Duarte, assim como Chimamanda Adichie, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Isabel Allende, Laura Esquivel, Juana Inés de la Cruz, Jane Austen, Mary Shelley e tantas outras mulheres da literatura, estão na minha estante, e mais que isso são a representatividade literária feminina para outras muitas mulheres. São vozes que representaram e representam seu tempo e sua região, de acordo com suas estilísticas, expandindo sua literatura sem haver fronteiras espaciais e temporais.

No início do trabalho, apresento a problemática que moveu o desenvolvimento para o estudo, sendo esta a tentativa de aproximar a produção literária local com a universidade e entender o porquê de ainda não haver essa aproximação. De fato, vemos poucos exemplos de escritores da cidade dentro do curso, sobretudo exemplos femininos. Ressalvo concluir que não há um culpado por este processo. Ao longo da graduação, constantemente

estudamos as perspectivas teóricas da literatura e as obras que marcaram períodos e estilos e, sendo esta uma área vasta e densa, se torna muito difícil haver maior contemplação. Mas por outro lado vejo como uma característica muito importante haver essa aproximação, sendo realizada tanto por alunos quanto pelo corpo docente do curso. Afinal, ter um curso que trabalhe com a literatura poderia agregar com o conhecimento e com o incentivo da produção literária local, assim como pesquisas fomentando a cultura literária da região, exemplificando, pondo na prática, o que no decorrer do curso estudamos. Podendo visualizar a importância das várias camadas presentes na literatura e seus efeitos dentro da sociedade de forma mais aproximada com o nosso contexto.

Podem haver vários fatores que expliquem esse distanciamento da produção literária de Marilú Duarte dos moradores de sua própria cidade, principalmente no que se refere às gerações mais jovens, mas o mais importante é a realização deste resgate e desta tentativa de aproximação e valorização, pois esta é uma semente plantada para que as novas gerações possam conhecer seu trabalho, assim como para aqueles estudantes que não são da cidade, mas que aqui escolhem estudar. Enquanto moradora, nascida e criada nesta cidade, esta é uma das principais realizações deste trabalho para mim, trazer através de distintas teorias os elos presentes na bibliografia desta escritora que se encontram em sua principal característica de união: marcar sua literatura como constituinte do patrimônio literário histórico e social de seu município.

Enquanto mulher, graduanda, acadêmica de Letras, me sinto realizada em poder ter um corpus literário para análise ainda tão pouco explorado academicamente, podendo assim trazer considerações bem embasadas, mas com um teor ainda próprio e inicial, referente à literatura de Marilú Duarte. Sua produção contempla amplamente a literatura, por isso houve a oportunidade de ler, analisar e estudar crônicas, poemas, roteiros, pensamentos, entre outros textos, assim como suas fotografias. Sinto-me contemplada por ter adentrado a fundo nos sentimentos que seus textos, verbais e visuais, proporcionaram para mim, o que oportunizou esta tentativa de que possam gerar outros sentimentos em outros leitores. Por isso este trabalho visou mostrar a excelente elaboração presente em sua bibliografia, onde naturalmente percebem-se aspectos que a constituem e que dialogam entre si espontaneamente em um incessante diálogo subjetivo e literário.

Ao concluir este trabalho, sentimos que ele exemplifica esse movimento de diálogo cíclico presente em sua bibliografia, uma vez que cada capítulo e seus subcapítulos presentes aqui dialogam com o seguinte e, ao chegar nesta última seção, percebemos que esta também retorna a dialogar com o texto inicial. No primeiro capítulo, existe uma via de

mão dupla, analisando duas perspectivas: o contexto social de Marilú e a recepção de sua produção bibliográfica, o que possibilitou começar a adentrar de fato em seus livros através dos prefácios. Com esse capítulo, foi possível provar que sua produção emergiu impactos em sua época, e que a escritora sempre se fez muito atuante na região, sendo uma representação literária. Na sequência, entrou-se de fato em sua produção escrita, trazendo a análise crítica de sua poética com auxílio das teorias e das exemplificações de seus poemas. Nesses exemplos, percebem-se que já apareciam os indícios da temática seguinte, sendo sua construção poética em diálogo com a fotografia. Procurou-se mostrar a Marilú enquanto escritora perspicaz, que produziu poeticidade com o uso de linguagens distintas. Em algumas das fotografias, já há o diálogo com o capítulo seguinte, que tratou sobre a religiosidade, trazendo assim um pouco dos estudos referentes a área chamada de Teopoética. Nos poemas foram apresentados os aspectos religiosos, mas também já foi introduzida a representação infantil de sua obra. Para encerrar com o capítulo que trabalha com o mundo infantil e juvenil de sua bibliografia, neste foi possível transcender novamente a área literária e mostrar que sua obra também pode inspirar o desenvolvimento das áreas pedagógicas, fator que volta a dialogar com o capítulo biográfico.

Através do estudo percebeu-se o caminho progressivo dentro de sua literatura em que, a cada nova publicação, a autora foi atingindo maior maturidade, adquirindo e aprimorando uma estilística muito própria e característica. Assim como foi acontecendo o aprimoramento de seus materiais de publicação, com edições cada vez mais profissionais e elaboradas. Notou-se que Marilú Duarte foi encontrando as formas de evidenciar suas temáticas, os espaços, as vozes, os tempos e as representações das quais deu voz a sua criatividade literária para poder falar sobre a vida, trazendo de forma bela mesmo aqueles temas que tendem a apontar as mazelas sociais. Sua bibliografia possui uma base para utilização nos mais distintos estudos, sendo este um estudo inicial, tornando-se inevitavelmente uma motivação para o desenvolvimento de estudos futuros. Contudo, por ora, o objetivo inicial deste trabalho foi alcançado, podendo evidenciar, e concluir, que as obras de Marilú Duarte podem ser utilizadas das mais diferentes formas dentro da academia. Desde sua utilização nas áreas literárias, com os distintos gêneros produzidos pela mesma até as áreas pedagógicas. Aproximação que contribui trazendo benefícios para ambos os lados: a cidade e a universidade.

REFERÊNCIAS:

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 2. ed. São Paulo: Scipione; 1991.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única** / Chimamanda Ngozi Adichie. Tradução de Julia Romeu. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALI, Manoel Said. **Versificação portuguesa**. São Paulo: Edusp, 2006.
- BATTISTONI FILHO, Duílio. **Pequena história da arte**. 7. ed. Campinas,SP: Papyrus, 1996.
- BEZERRA, M. D.; TOLOVI, C. A. Espiritismo e literatura: o universo religioso espírita em Grande Sertão: Veredas. **Anais dos Simpósios da ABHR**, [S. l.], v. 14, 2015. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/1103>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.
- BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Revista Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, p. 83-98, 1997.
- CARA. Salete de Almeida. **A poesia lírica**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática. 1999.
- CARVALHO, Vinícius Mariano de. Religião e Literatura: algumas inter-relações possíveis. **Numem: Revista de estudos e pesquisa da religião**. Juiz de Fora: Editora UFJF. v. 4, n. 1, jan./jun. 2001.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Global, 1999.
- COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- DUARTE, Marilú. **Tente ... crie e invente**. [S.l]: s/ed: 1992.
- DUARTE, Marilú. **Eu... você e o Universo**. 2. ed. [S.l]: Viza Artes Gráficas, 1993.
- DUARTE, Marilú. **Minha Terra Minha Gente**. 1. ed. [S.l]: Viza Artes Gráficas, 1994.
- DUARTE, Marilú. **Tudo por Amor**. 2. ed. [S.l]: Viza Artes Gráficas, 1995. DUARTE, Marilú. **Brincando de faz de conta**. 1. ed. [S.l]: Viza Artes Gráficas, 1996. DUARTE,

Marilú. **Amor sem fronteiras**. 1. ed. [S.l]: Viza Artes Gráficas, 1997. DUARTE, Marilú.

Sem você... sou ninguém. Porto Alegre: Alcance, 1998. DUARTE, Marilú. **Momentos**.

Brasília: Thesaurus, 2000.

DUARTE, Marilú. **Nasce um poema**. Porto Alegre: Alcance, 2006.

DUARTE, Marilú Perez. **Ciranda poética**. Porto Alegre: Alcance,

2009. DUARTE, Marilú. **Enigma**. Montevideo: aBrace Editora, 2010.

DUARTE, Neusa Marilú Perez. **Revoar de Sonhos/ Revolotear de Sueños**. Porto Alegre: Alcance, 2013.

FERNANDES, Daniel Cruz. Literatura e fotografia: algumas abordagens. **UniLetras**, v. 36, n. 1, p. 33-44, 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/6585/4678>. Acesso em: 10 out. 2023.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada; SOUSA, Fábio D'Abadia de (2008). Literatura e fotografia: o anseio pela apreensão do instante. *Signótica*, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 149-174, jan./jun. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6322705>. Acesso em: 10 out. 2023.

FREITAS, Juliana Bruna. Literatura infantil: um encontro com a infância do mundo. **Revista Mestra**, v. 15, n. 45, p. 66-76, 2021.

FREITAS, Marcos Cezar. Por uma sociologia histórica da infância no Brasil. *In*: FREITAS, M.C. (Org.). **História social da infância no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

GONÇALVES, Sabrina Rosa. O Intertexto Bíblico na Literatura: As crônicas de Nárnia, de CS Lewis. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo, 2015.

KARDEC, A. **O evangelho segundo o espiritismo**. Tradução de Guillon Ribeiro da 3. ed. francesa. 112. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1996 [1866].

LEWIS, C.S. **As crônicas de Nárnia**. Tradução de Silêda Steuernagel e Paulo Mendes Campos. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LUFT, Celso Pedro. **Pequeno dicionário da língua portuguesa Celso Luft**. São Paulo: Scipione, 1984.

MARTELO, Rosa Maria. **O cinema da poesia**. Lisboa: Documenta, 2012.

MATEUS, Isabel Cristina; MARTINS, José Cândido de Oliveira; BELO, Duarte. Literatura e fotografia: olhares cúmplices. *In*: **Revista 2i: Estudos de Identidade e Intermedialidades**. v. 3, n.º 4. 2021. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/75748/1/271114617_10209051930611515_638523710840320548_n.jpg. Acesso em: 01 out. 2023.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). **Religião e linguagem**: abordagens teóricas

interdisciplinares. São Paulo: Paulus, 2015.

PAZ, Octavio. **La búsqueda del presente**, 1990. Disponível em: http://lya.fciencias.unam.mx/pablo/an20072/material/La_busqueda_del_presente.pdf. Acesso em: 21 nov. 2023.

PAZ, Otávio. **Marcel Duchamp ou o castelo da pureza**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Biografia**: um gênero de fronteira entre a história e a literatura. Narrar o passado, repensar a história. Campinas, SP: Unicamp, 2014. p. 191-202.

SCHMITZ, E. D.; STEFFENS, F. Teologia e Literatura: espiritualidade, poesia e memória. **Revista Encontros Teológicos**, [S. l.], v. 36, n. 2, 2021. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1655>. Acesso em: 2 nov. 2023.

SHEPPARD, Richard. A crise da linguagem. In: BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (org.). **Modernismo**: guia geral. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SMITH, Henry Holmes. La fotografía en nuestro tiempo: prospecciones para la séptima década (1961). In: FONTCUBERTA, Joan (org.). **Estética fotográfica**: una selección de textos. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

SOLE, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Art-Med, 1998.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SILVA, Aline Luiza da. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **Regrad - Revista Eletrônica de Graduação do Univem**. Marília, SP, v. 2, n. 2, Jun. 2010. Disponível em: <https://Revista.Univem.Edu.Br/Regrad/Article/View/234>. Acesso Em: 15 Nov. 2023.

QUINTANA, Mario. **Poesia completa**: Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

VASQUEZ, Pedro. **Fotografia**: reflexos e reflexões. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

ANEXOS

ANEXO I

Mestre

Deus criou o sbl, as estrelas, o mar e a natureza toda matizada em cores. Criou a Mulher e soprou-lhe uma alma sensível e delicada. Ordenou-lhe que procriasse para formar uma geração livre, autêntica e repleta de amor. Mas daí o homem construiu a máquina e a máquina codificou o homem, e o homem teve de lutar pela sobrevivência, e a luta pela sobrevivência gerou no homem a ganância desenfreada de apoderar-se de tudo e de todos, numa desenfreada luta contra si próprio.

Surgiram então as profissões, as mais rendosas e lucrativas, não importando nunca se estas correspondiam com a intelectualidade, capacidade ou domínio do campo que abraçava, o que na maioria das vezes leva o homem a frustração, pois se por um lado ganhava vultuosas somas, por outro se sentia impotente e incapaz de desenvolver com perfeição a sua escolha.

Plantou flores e colheu espinhos, pensou no poder e fez a guerra, pensou em ser grande, e sentiu-se pequeno ante sua espiritualidade, tão coisificada pela sua própria mesquinhez.

Todos nós somos produtos de uma geração máquina, coisificada pelo progresso e a ganância de poder.

Peregrinamos pelo tempo que passa, e por uma sociedade que nos repassa o valor e a importância do TER.

Porém a cada ano que passa, um novo ano surge, e uma nova

esperança nasce no coração dos homens. E nesta trajetória cósmica, a medida que os tempos se arrastam, lembramos sempre de vocês queridas mestras, a mulher mãe, a mulher menina, a mestra que deixa muitas marcas e saudades da nossa infância, onde nos bancos escolares tantas lições de vida com vocês nós aprendemos.

Poderíamos quem sabe até dizer que o próprio Criador, Ihes ordenou a grande missão de educar, e como construtoras de um universo interior, construíram ao longo dos anos tijolos após tijolos no universo educacional de todos os alunos.

Foram vocês as jardineiras incansáveis, dos inúmeros canteiros de rosas e cravos, crisântemos e margaridas, que hoje exalam o seu perfume e o seu matiz. É bem verdade que tuas mãos ficaram calejadas, mas valeu a pena o plantio, pois certamente hoje colhem o fruto da bondade e do amor, da justiça e da consciência do dever cumprido.

Viver é construir, e a nossa construção termina quando acabar a nossa vontade de viver.

Que vocês continuem a construir o que está destruído, erguendo o que está desanimado, e acima de tudo sendo o exemplo de que vale a pena ter um ideal ainda que o reconhecimento seja tão raro e efêmero.

ANEXO 2

SENHOR MEU D E U S

Obrigado Senhor.
Pela tua luz tão presente e
divina...
que aquece os meus sonhos e a minha mente
ilumina.
Obrigado Senhor... pela minha
ousadia,
em desafiar... o novo e o inusitado.
Pelo meu presente...e o meu
passado,
pela inspiração e a poesia, e por todos aqueles
a quem eu tenho amado.
Pela lua, e as estrelas pelo céu e a
terra,
por toda a humanidade que deseja a paz...
e repudia a guerra.
Pela liberdade que nos possibilita a
livre iniciativa...
Pelo bom senso e equilíbrio que
nos concede tantas
alternativas.

Que meus sonhos
não sejam tão individuais, que meus projetos
sejam mais espiritualistas

Que eu não me detenha no caminho,
e que saiba colher as flores
sem que me machuquem os
espinhos.

Eu te agradeço... Pela tua paciência toda vez...
que de ti me afasto,

e ainda pelas vezes que ao colo me carregas.

Por entenderes a minha negligência
e minha total falta de
entrega.

Pelas vezes que
errei e também por toda esmola que neguei.

Pela minha alienação, minha indiferença
e omissão...

e também pelas inúmeras vezes
que disse

- Não.

Obrigado Senhor...

pela tua ternura, pela tua espera..

e pelo teu perdão.

Pelo teu exemplo de solidariedade
de justiça e compreensão.

Eu te peço perdão...
Pela minha alienação, pela minha indiferença
pela minha omissão e pelas inúmeras vezes
que disse - Não.

Obrigado Senhor...
pela tua ternura, pela tua espera.. e pelo teu
perdão. Pelo teu exemplo de solidariedade de
justiça...e de compreensão.
Eu te ofereço as minhas lágrimas de tristeza e de
arrependimento, as minhas incertezas, dúvidas e
questionamentos.

Eu te peço perdão Senhor....
pelos sentimentos de mágoa de indefinição e de
protesto. Pelas vezes que fico em silêncio
e sobre a tua verdade não me manifesto.
Te peço perdão Senhor...pelas orações que eu não fiz,
por não agradecer quando me sinto feliz,
pela minha vaidade... prepotência e falta de
consciência.

Obrigado Senhor...por tudo que já recebi,
por estar presente, contigo aqui, pelos momentos felizes
que eu já vivi, e principalmente
pelo teu Amor.

Por tudo isso

OBRIGADO SENHOR

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Amor sem fronteiras.....	38
Figura 2: Sem você... sou ninguém.....	40
Figura 3: Sem você... sou ninguém.....	41
Figura 4: Enigma	45
Figura 5: Amor sem fronteiras	47
Figura 6: Sem você... sou ninguém.....	48
Figura 7: Sem você... sou ninguém.....	54
Figura 8: Amor sem fronteiras	56
Figura 9: Tudo por Amor	57
Figura 10: Amor sem fronteiras	59